Centro de Estudos Superiores de Itaituba
Biblioteca
CESUPI

CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ROSENILCE SANTANA DA SILVA

OS APIAKÁS: Uma identidade quase perdida no Alto Tapajós (Aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA).

Itaituba – PA
2018

ROSENILCE SANTANA DA SILVA

OS APIAKÁS: Uma identidade quase perdida no Alto Tapajós (Aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena em História.

Orientadora: Prof.ª Mestra em História Raquel Peres Rocha.

Itaituba – PA

2018

ROSENILCE SANTANA DA SILVA

OS APIAKÁS: Uma identidade quase perdida no Alto Tapajós (Aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA).

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena em História.

Orientadora: Prof.ª Mestra em História Raquel Peres Rocha.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof.ª Caren Alessandra Kluska, Mestre.

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.ª Raquel Peres Rocha, Mestre

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.ª Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista

Resultado: _____ Média: _____

Data: ___ de março de 2018

A minha família, em especial a minha mãe Marilza e meu pai Manuel pelo amor e carinho, aos meus irmãos Mirian, Evelson, Dianari e Marly pelo apoio e carinho, a minha vozinha Brígida pelo amor. Dedico-lhes esse triunfo como gratidão.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, por ter me concedido saúde durante os anos de estudos na Faculdade.

A minha família pelo incentivo, apoio, em especial aos meus pais Marilza e Manuel os quais amo muito. A minha avó Brígida pelo amor e aos meus irmãos, Mirian, Evelson, Dianari e Marly pelo amor e carinho. Aos meus padrinhos Iracema e Zuza pelo auxílio. Ao meu esposo Mauro Silva pelo apoio e aos meus filhos, Emilly e Fernando que são a maior razão pela qual conseguir traçar esse caminho.

A minha orientadora Raquel Peres pelos dias dedicados ao meu trabalho de Conclusão de Curso e o incentivo durante suas aulas.

Aos meus professores pela paciência e disposição durante os dias de estudos.

Aos meus colegas de curso, que durante os quartos anos de estudos foram criados laços de amizades.

À Faculdade de Itaituba pela excelente administração.

Ao Programa Bolsa de Estudo Popular, que através da bolsa parcial cedida pelo Município, conseguir seguir ir adiante e terminar o curso sem muitas dificuldades financeiras.

Quem não tem outro orgulho além de seus ilustres antepassados parece-se com uma batata, a única parte boa está debaixo da terra.

"Ouverbury"

RESUMO

Esta pesquisa dedica-se ao estudo da cultura dos índios Apiakás da Aldeia Terra Preta no estado do Pará, situada às margens direita do rio Tapajós, próximo ao município de Jacareacanga, região denominada de Alto Tapajós. O presente trabalho tem como objetivo o desvelamento da cultura dos índios Apiakás na referida comunidade pesquisada como também analisar os fatores que contribuíram e contribuem para o processo de desculturação da mesma. A cultura dos povos indígenas Apiakás, está em vias de se perder, tanto pelos pequenos números de falantes, quanto pela falta de estímulos para preservar sua cultura. A pesquisa filiou-se em entender desde quando começou o entendimento do conceito de cultura na humanidade, como é a cultura indígena, uma prévia sobre a situação dos nativos no período Colonial, Imperial e República. Analisando a origem histórica e cultura nas comunidades indígenas do Pará, os aspectos socioculturais e as políticas indigenistas na Amazônia. Na qual buscamos por dados em livros, artigos científicos, revistas, documentos eletrônicos, específicos, procedendo com a leitura, fichamento e análises dos dados coletados. Embasamos a pesquisa no estudo de: Bauman (2012), Caminha (2014), Ribeiro (1995), Foguel (2016), Andrada E Silva (1821), Fernandes (2013), BenchimoL (1999), Brasil (2001), Coudreau (1977) Tavares (1876), GIL (2008), YIN (2016), Severino (2017) dentre outros que colaboraram para o resultado final da pesquisa. Na sequência, realizou-se pesquisa de campo na Aldeia terra Preta, no Município de Jacareacanga/PA. Os indígenas foram entrevistados, questionados e fotografados, através dos relatos foi possível entender a vida em sociedade adotada por eles. Os problemas enfrentados para resguardar e manter sua cultura, a origem histórica, as políticas públicas desenvolvidas no pequeno aldeamento, as práticas culturais que ainda utilizam e sua economia.

Palavras-chave: Cultura. Indígenas. Apiaká. Desculturação. Alto Tapajós.

ABSTRACT

This research is dedicated to the study of the culture of the Apiakás Indians of the Terra Preta Village in the state of Pará, located on the right bank of the Tapajós river, near the municipality of Jacareacanga, a region called Alto Tapajós. The objective of this work is to unveil the culture of the Apiakás Indians in the studied community as well as to analyze the factors that contributed and contribute to the process of deculturation. The culture of the Apiakás indigenous peoples is in the process of being lost, both by the small numbers of speakers and by the lack of incentives to preserve their culture. The research was based on understanding since the beginning of the understanding of the concept of culture in humanity, as it is the indigenous culture, a preview on the situation of the natives in the Colonial, Imperial and Republic period. Analyzing the historical origin and culture in the indigenous communities of Pará, the sociocultural aspects and the indigenist policies in the Amazon. In which we search for data in books, scientific articles, magazines, electronic documents, specific, proceeding with reading, recording and analysis of the data collected. We base the research on the study of: Bauman (2012), Caminha (2014), Ribeiro (1995), Fernandes (2013), Foguel (2016), Andrada And Silva (1821), Benchimol (1999), Brazil (2001), Coudreau (1977) Tavares (1876), GIL (2008), YIN (2016), Severino (2017) among others that collaborated for the final result of the research. Subsequently, field research was carried out at Aldeia terra Preta, in the municipality of Jacareacanga / PA. The Indians were interviewed, questioned and photographed, through the reports it was possible to understand the life in society adopted by them. The problems faced to safeguard and maintain their culture, historical origin, public policies developed in the small village, the cultural practices they still use and their economy.

Keywords: Culture. Indigenous people. Apiaká. Deculturation. High Tapajós.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Da-ño're: perfomance coletiva de canto e dança. Revista Manchete.....14

Figura 2 – Ilustração feita por Hercule Florence em uma habitação de índios Apiakás.....18

Figura 3 – Chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil no dia 22 de abril de 1500.....21

Figura 4 – Dom Pedro, Império do Brasil.....25

Figura 5 – CIMI crítica política para indígenas do governo.....28

Figura 6 – Apesar da influência, a cultura original ainda permanece.....31

Figura 7 – O povoamento da América.....33

Figura 8 – A igreja e a criação da Amazônia.....35

Figura 9 – Pintura simbólica representa a fundação de Belém, e a construção do forte do Presépio, obra de Theodoro Braga, 1908 39

Figura 10 – Frente da Cidade de Monte Alegre em 1930.....41

Figura 11 – Santarém indos de 1848/9, feita a óleo sobre uma madeira irregular, obra de Apolônio Fona.....42

Figura 12 – Foto extraída do Orkut da Maria Lúcia Cabral Furtado, Itaituba 1970.....43

Figura 13 – Cidade Jacareacanga, vista aérea.....47

Figura 14 – Frente da aldeia Terra Preta.....49

Figura 15 – Mapa da Aldeia Terra Preta-Jacareacanga/PA.....52

Figura 16 –. Edilson de Nazaré Apiaká, fundador da aldeia.....54

Figura 17 - Raimundo de Oliveira Lourenço, antigo morador da aldeia..... 55

Figura 18 - Damião Morais do nascimento, antigo morador da aldeia.....56

Figura 19 – Senhor Edilson de Nazaré Apiaká e quatro netos.....57

Figura 20 –. Indígena na roça fazendo a colheita de mandioca para a produção da farinha puba.....58

Figura 21 - Criança Apiaká, Aldeia Terra Preta.....59

Figura 22 - Índias Apiakás às margens do rio Tapajó em afazeres domésticos, ,Aldeia Terra Preta.....60

Figura 23 - Crianças Apiakás brincando, Aldeia Terra Preta.....61

Figura 24 - Reforma da Escola Maria Júlia, aldeia Terra preta.....62

Figura 25 - Família Apiaká, aldeia Terra Preta.....63

Figura 26 - Indígenas armazenando peixes para a venda.....64

LISTA DE SIGLAS

CIMI (Conselho Indigenista Missionário).

CISI (Comissão Intersetorial de Saúde Indígena).

CNS (Companhia Siderúrgica Nacional).

DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral).

FUNAI (Fundação Nacional do Índio).

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

PA (Pará).

STF (Supremo Tribunal Federal).

SUS (Sistema Único de Saúde).

INCRA (Instituto Nacional Colonização e Reforma Agrária)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 14
2.1 CONCEITO DE CULTURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE 14
2.1.1 Cultura indígena 17
2.1.2 Indígenas: Brasil Colônia 20
2.1.3 Os Índios e a Nova Ordem Imperial 23
2.1.4 Os indígenas após a Proclamação da República 27
2.2 COMUNIDADES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA E SUA IDENTIDADE CULTURAL 30
2.2.1 Origens históricas das comunidades na Amazônia 33
2.2.2 Aspectos socioculturais e as políticas indigenistas na Amazônia 35
2.2.3 Comunidades indígenas do Pará e sua origem histórica 39
3 METODOLOGIA 45
3.1 TIPO DE PESQUISA 45
3.2 AMBIENTE DA PESQUISA 46
3.3 DESCRIÇÃO DA PESQUISA: A PSICOLOGIA A CAMINHO DO NOVO SÉCULO: IDENTIDADE PROFISSIONAL E COMPROMISSO SOCIAL 50
3.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS 51
4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA 52
4.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRAFICA DA ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA 52
4.2 ORIGEM HISTÓRICA DA ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA 54
4.3 CULTURA INDÍGENA: OS APIAKÁS, UMA IDENTIDADE QUASE PERDIDA NO ALTO TAPAJÓS ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA 57
4.4 ASPECTOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E CULTURAIS DA ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA 62
5 CONCLUSÃO 65
REFERÊNCIAS 67
APÊNDICES 71
ANEXOS 73

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa dedica-se ao estudo da cultura dos índios Apiakás da Aldeia Terra Preta situada às margens direita do rio Tapajós, próxima ao município de Jacareacanga, região denominada de Alto Tapajós. O presente trabalho tem como objetivo o desvelamento do que restou da cultura dos índios Apiakás na referida comunidade pesquisada como também analisar os fatores que contribuíram e contribuem para o processo de desculturação da mesma, no que tange, a substituição da cultura do indígena pela cultura do homem branco.

Como objetivos específicos: Registrar o modo de vida na comunidade indígena Terra Preta; analisar os fatores que levaram ao processo de desculturação dessa comunidade; entender de que maneira a comunidade busca preservar e manter sua cultura de origem.

Atualmente estima-se que quase todos os povoamentos indígenas já tiveram contato com os homens brancos, essa relação já se segue por longos períodos. Com a necessidade de se integrar à população invasora, os nativos adquiriram novos hábitos e as suas culturas de origem foram substituída por outras. Apesar da nova Constituição do Brasil estabelecer total liberdade aos povos indígenas brasileiros em cultuarem suas culturas originárias, assim como ter acesso a outras culturas, os autóctones que sobrevivem ao longo processo de colonização, lutam para manterem vivas o que restou da sua cultura e as dificuldades enfrentadas por eles para não deixar que os costumes de seu povo sejam esquecidos.

Partindo, um grande interesse em mostrar para os demais que, apesar, dos Apiakás não terem resistido o processo de globalização, continuam sobrevivendo, mesmo com poucos integrantes e não cultuando a sua cultura de origem, estão vivos e precisam de um olhar mais valioso por parte dos governantes para que, sejam realizados projetos de um possível resgate cultural desse povo.

Poucos escritos se têm dos Apiakás, alguns autores que fizeram viagem na Amazônia no século XVIII, relataram o contato que tiveram com os aborígenes. Os povos indígenas foram uns dos principais integrantes para a formação do Brasil, tendo por direito seus valores culturais respeitados e preservados, desta colaborar para a sobrevivência de seu povo e de sua identidade. O referido trabalho poderá ser utilizado como fontes para pesquisas futuras, em vista dos poucos documentos expressos sobre suas práticas.

Os povos indígenas aos poucos estão desaparecendo do Brasil e com eles as suas línguas e costumes originários deixam de existir. São poucas etnias existentes atualmente, muitos desses grupos nativos não existem mais devido ao processo de colonização que dizimou mais da metade de seus integrantes. Desde a chegada dos não índios que aplicaram suas próprias leis de terras e costumes em uma região já habitada por silvícolas, ainda hoje essa população sofre com as violações de seus direitos.

Através desse estudo, procuramos entender: Qual a maneira que os índios Apiakás se distinguem das demais culturas? Quais os entraves encontrados pelos índios para o desenvolvimento da sua cultura de origem? De que forma os índios Apiakás podem contribuir para diminuir a perca de sua identidade cultural? Tais questões estarei discorrendo no decorrer do trabalho.

Optou-se neste estudo, pela pesquisa qualitativa, bibliográfica e de campo. Iniciamos com a pesquisa bibliográfica, na qual buscamos por dados em livros, artigos científicos, revistas, livros eletrônicos específicos, documentos originais eletrônicos, específicos, procedendo com a leitura, fichamento e análises dos dados coletados. Na sequência, realizou-se pesquisa de campo na Aldeia terra Preta, no Município de Jacareacanga – PA, onde os indígenas da etnia Apiaká foram entrevistados e fotografados.

Embasamos a pesquisa no estudo de: Bauman (2012); Fernandes (2013); Saraiva, Metez (2017), (tais situarão o entendimento de Cultura e a sua formação no mundo), Almeida (2017); Brasil (2001); Caldeira (2002); Foguel (2016), (situação dos nativos no período colonial, imperial e republicano), Bitar (2017); Benchimol (1999); Coudreau (1977); Filho (2006), (origem e identidade cultural dos índios no Pará e na Amazônia), Cunha (2013); Funai (2017); Heck, Silva, Feitosa (2012), (direito e cidadania dos povos indígenas e a luta contra o extermínio), entre outros que abordarão o tema em execução.

A estrutura do trabalho definida da seguinte maneira: a primeira seção forma-se da introdução à qual é apresentado. A segunda esclarece as expressões teóricas que colaborarão para o melhor entendimento. A terceira abordará a metodologia aplicada no trabalho. A quarta parte, abordará o tema em questão, tais como: a Cultura indígenas dos Apiakás da aldeia Terra Preta, localização geográfica da aldeia, origem histórica, Aspectos políticos, econômicos e culturais da mesma. A quinta versará o resultado final da pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DE CULTURA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

Segundo Bauman (2012), o conceito de cultura foi estingado pelo termo de culturalização1, esse termo é distinguido pelas ciências das sociedades, passando a ser oscilada novos termos com mesmo sentido. Primordialmente no meio do século XVIII, essa ideia de cultura foi criada para distinguir as ações dos seres humanos com as dos acontecimentos bruscos da natureza e o que cada um deverá respeitar. Ainda de acordo com autor, Émile Durkheim é considerado o filósofo responsável pela concepção dos "fatos sociais", que "tangeu" a cultura, tornando um movimento integral da concepção social no período do século XIX.



Figura 1 – Da-ño're: perfomance coletiva de canto e dança. Revista Manchete. Fonte: http://povosindigenasdobrasil.blogspot.com.br/2014/09/xavante-ou-auwe-uptabi.htmle

Ainda de acordo com Bauman (2012), cultura pode ser os casos culturais dos homens, que gerado passam a debater entre seus velhos escritores com toda resoluta e bravura da tenacidade da natureza e a dedicação dos sábios de esclarecer como e por que desta maneira. Portanto, só na metade do século XX, essa maneira

1 Culturalização: Tornar cultural. Processo de transformar algo em cultura.

gradativamente, iniciando-se a época da "culturalização" o meio onde se origina a humanidade.

> [...] O próprio Hegel se dá ao trabalho de nos lembrar, no prefácio, que a filosofia do estado não deve ser separada do conjunto do sistema. E lembra especialmente essa fórmula famosa, que muitas vezes foi mal - interpretada; "o real é racional e o racional é real". Isso significa que a história da humanidade inteira, por pouco que se preste atenção a isso e que se consiga forjar os conceitos necessários, pode ser compreendida como fundamentalmente racional. A história é o desenvolvimento daquilo que Hegel chama de "espírito" que chamaríamos hoje de "cultura", no sentido em que nossos etimólogos opõem natureza e cultura. Então, o que é verdadeiramente real no passado da humanidade é o que se pode elevar à posição de conceito, o que se pode pensar [...] (FRANÇOIS, 1994, p.24, 125).

Entretanto, o estado não deve ser uma parte separada do conjunto do sistema, muitas vezes esta concepção é entendida de forma errada a recíproca de que o real é racional e vice-versa. Tem sentido de um fenômeno apresentado com impulso considerável, sendo pretexto para outras casualidades, não seremos aptos para distanciá-los. A única atitude a ser tomada é tentar compreendê-la, assim, inventar novas definições. Ele distingue que a história da humanidade é conduzida por um raciocínio humano, não por uma província milagrosa, fora da biografia.

Segundo Fernandes (2013), os antropólogos buscam entender o sentido de cultura, tentando entender o homem em sua totalidade partindo de dois princípios básicos, o físico e o cultural. Este primeiro é chamado de objeto da Antropologia física, enquanto o segundo é dado como ciência e estuda o comportamento do homem entre o social e o natural. "Cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana, por isso, envolve todas as dimensões do ser humano: suas crenças, artes, tecnologia, instituições" (MEKSENAS, 2005, p.14). A antropologia cultural requer o comportamento dos seres humanos em diferentes sociedades, considerando passado e o presente, chegando à conclusão de que o homem é fabricador de cultura.

Ainda de acordo com Fernandes (2013), neste grande conjunto de conhecimentos no qual argumenta, estão os modos de viver e de pensar de vários grupos, cultivados, civilizados e polidos chamados de civilização. A civilização pode ser chama de uma etapa que determina cultura, sabemos que a civilização é um processo que está em permanentes mudanças, assim como a cultura nunca para no tempo, sempre está em constantes transformações, se alterando, ajustando-se, modificando-a de acordo com as necessidades do homem .

A cultura é processo, seguindo a linha de desenvolvimento do indivíduo de uma sociedade que está sempre criando, inventando, descobrindo, inovando, o que permite a atualização permanente da cultura. "Todos possuem uma concepção de vida, tem uma opinião do que acontece na sociedade. Todos participam da vida em sociedade e desenvolve uma atividade para suprir suas necessidades" (MEKSENAS, 2005, p. 15). Cada povo tem sua maneira de construir, de relatar suas origens, de se relacionar com a natureza, com a sociedade e com o mundo espiritual, isto é uma construção cultural, sendo que cada povo com suas maneiras próprias de construir.

> A cultura, sob a ideia da infinitude, significa uma revolução do conceito de cultura, uma revolução de todo o modo de ser da humanidade como criadora de cultura. Significa, outrossim, uma revolução da historicidade, que de história da humanidade finita passou a ser uma humanidade capaz de tarefas infinitas. Estas mudanças primeiro se produziu no pequeno círculo dos filósofos e da própria filosofia (SOUSA, 2014, p.146).

Conforme Fernandes (2013) as culturas não são iguais entre si, existe em cada uma sua maneira própria de ser em alguns aspectos e em outros não, que diferenciam umas das outras. Apesar de tantas semelhanças cada povo tem uma maneira de viver de acordo com seus costumes e suas necessidades, seja na vestimenta, nas danças, nos instrumentos, na maneira como vivem em sociedade, na religião, na língua, na comida, são inúmeras diferenças que valoriza e enriquece um povo.

Para Brasil (2001 p.11) as culturas representam para a humanidade um patrimônio de diversidade, no sentido de apresentarem uma organização do pensamento e a exploração do meio e ao mesmo tempo o social e natural. Quando se fala do valor da sociodiversidade não está se falando de traços culturas e sim de processos. Para que sejam mantidos esses valores sociais é preciso permanecerem vivos nas sociedades que as produzem.

> A memória pode existir em elaborações socialmente estruturada, mas apenas seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderemos constatar que, a semelhança da linguagem, a memória social tornando-se concreta quando apenas metalizadas ou verbalizadas pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (FREITAS, 2016, p. 144).

A memória conjunta é um fator vital para se manter as identidades culturais. Todavia, há um lado das sociedades, onde os membros podem viver juntos ou individualmente, mesmo desse modo ele está inserido culturalmente ao qual grupo faz

parte. Mesmo assim, esses indivíduos erguem e autenticam uma identidade profunda, mas sem a apreensão de todas as recordações de sujeito, vem a eclodir devido sua identidade ser iluda pelo paradigma de sua memória. Essas reminiscências aparecem na mente do sujeito como uma cronologia de suas vivências, agrupando-se a uma cultura e também a um período de interinidade própria.

O brasil é um país com povos de culturas diversificadas, mas cada têm uma forma de realizar sua cultura. Cada povo tenta manter de alguma forma seus valores culturas e o andamento para que não desapareçam com o passar do tempo. Enquanto os fazedores de culturas permanecerem vivos, a cultura também permanecerá, porém a chegada de pessoas de outros países, a cultura de origem é substituída e mesclada com outros costumes.

2.1.1 Cultura indígena

Segundo Meksenas (2005) se a cultura indígena comparada por intermédio da analogia pode-se preliminarmente, demostrar que a cultura dos nativos não é muito diferente da cultura do homem branco a chamada de industrial. Ele afirma que julgar a técnica de curar do índio não é eficaz, está se cometendo imenso erro contra essa cultura. Todavia, devemos considerar que antes do contato dos autóctones com os europeus, sua medicina era tão eficaz para eles quanto a nossa.

Como nas populações nativas, algumas doenças não eram encontradas as curas, assim como, nas demais populações eles também tinham esse mesmo problema. Ainda de acordo com o autor, um exemplo disso é caso da tuberculose e da varíola, doenças essas desconhecidas pelos ameríndios, tomadas por eles, quando entraram em convívio com os novos habitantes levando muitos desses grupos à morte.

A cultura indígena é a maneira como os nativos vivem entre si, seus hábitos, suas crenças, língua, a maneira como realizam suas festas, como fazem para conseguir seus alimentos, o respeito pela pessoa mais velha da tribo, os métodos utilizados para encontrarem as curas das doenças, os objetos feitos com materiais tirados da natureza, as pinturas corporais, a maneira de construir suas casas, são múltiplas ações que destacam a cultura do índio. "Uma cultura não é superior e nem inferior a outra, elas são apenas diferentes" (MEKSENAS, 2005, p.30). A maneira

como as populações indígenas vivem em comunidade e a relação entre si e com a natureza, destacam as diferenças culturais do seu povo com as demais existentes.

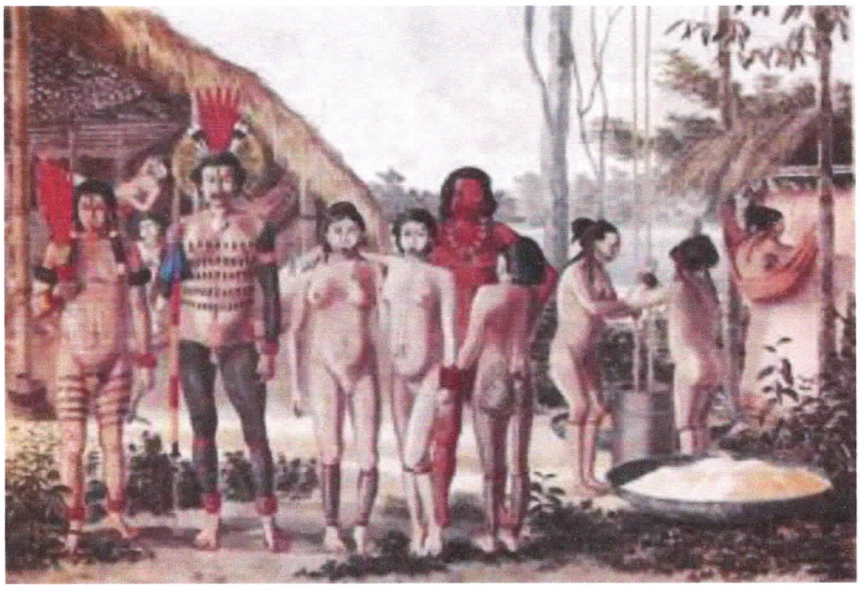


Figura 2 – Ilustração feita por Hercule Florence em uma habitação de índios Apiakás. Fonte: http://revistapesquisa.fapesp.br/2015/05/02/exposicao-reune-obra-de-Hercule-florence

Na imagem acima podemos conhecer um pouco da vida em sociedade dos grupos indígenas Apiakás, dando destaque para as pinturas corporais feitas por esses nativos com tinturas tirados da natureza. Esta obra foi pintada por Hercules Florence no ano de 1828 em uma viagem feita na Amazônia. Ainda na imagem podemos perceber alguns trabalhos feitos pelas índias na aldeia, tanto os homens quanto as mulheres usam pinturas nos corpos, mas essas pinturas tem um significado e representa a situação do indivíduo dentro da aldeia.

Além da pintura corporal dos Apiakás outra identidade de grande relevância cultural que está se perdendo ao longo do tempo é sua língua de origem, a maioria dos nativos não falam mais, apenas uns dos mais velhos da aldeia. "Grupos indígenas no Brasil, sobretudo os de contato mais antigo com a população neobrasileira, foram induzidos a falar línguas novas, primeiro a língua geral, derivada do tupi e propagada pelos jesuítas, mais tarde o português por imposição expressa do direito dos índios Pombalino" (BRASIL, 2001, p.12). Atualmente essas línguas não estão sendo passadas de geração para as novas gerações, sem novos falantes para manter viva essa identidade de suma importância para essa população aborígene, ela deixa de existir o que levará o seu extermínio.

> Costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.§ 1º - São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições (BRASIL, 2012, p.130).

Segundo Fernandes (2013) as formas de desenvolvimento dos afazeres dos nativos é a essência para o aprimoramento da cultura indígena que vive na alma e no sangue de cada membro, sendo expressa de forma conjunto ou particularmente de cada um, associando-se uma com a outra, formando um conjunto de ideias que são aplicadas nas aldeias como trabalhos.

"Os povos indígenas diferenciam entre si e das demais culturas pela maneira de realizar suas festas, de fazer sua música, de construir sua casa, de explicar sua origem, de relacionar-se com a natureza e com o mundo sobrenatural" (FERNADES, 2013, p.31). Muitos grupos indígenas estão perdendo essa essência cultural, desta forma, levando-a ao processo de desculturação. Este processo acontece quando os povos indígenas passam a fazer uso de outros costumes, substituindo a sua cultura própria por outra.

Afirma Priore (2004) que a cultura indígena começou a ser um texto escrito desde quando etimologicamente se houve um conceito de distinção entre os estudiosos do direito, em que os de pele clara seriam os salvos por Deus, em vista disso, eram considerados acima dos demais povos originários da América. O não conhecimento do termo revelado, dos grupos institucionais criados pelos estados para dirigir uma comunidade, uma maneira tida como algo cruel e rudimentar da época. De acordo com o autor, esta atitude foi caracterizada como divagação da religião, podendo custar para esses propagadores à ida de sua alma para as trevas. Toda via que esta mudança estaria ao contrário das ordens dos autóctones.

De acordo com Brasil (2012), nas últimas décadas os povos indígenas têm buscado cada vez mais pelos seus direitos estabelecidos na constituição de 1988 principalmente a conservação de suas terras para continuação de seu povo. As manifestações e reuniões no Congresso, esta é a única maneira de reivindicarem os seus direitos, direitos estes já garantidos e protegidos pela constituição. Se realmente cumpridos a sobrevivência desses grupos serão conservados, pois o maior desafio para os índios de hoje e a permanência em suas terras. Vale ressaltar que toda essa

região habitada hoje por diferentes povos, antes da "descoberta" já pertenciam aos nativos é, primordial a permanência deles em uma área reservada para a sua sobrevivência e a continuação da sua raça.

Afirma Fernandes (2013) no início da colonização a estimativa da população indígena era de 440 mil a 820 mil indivíduos, distribuídos em 305 grupos étnicos, ressaltando que ainda existem 55 grupos isolados, sendo por volta 380 de origem da floresta, a outra parte identificou-se como não índios.

Havia aqui mais de 1,3 mil línguas nativas estabelecida em mais de 40 raízes linguísticas, no decorrer dos anos essas línguas passaram pelo processo e exterminação tornando-as cada vez mais raras. Atualmente cerca de 90% dessa população não fala essa língua, sendo os principais agravantes a morte de muitos grupos e a desocupação de suas terras.

2.1.2 Indígenas: Brasil Colônia

Os relatos dos viajantes do período colonial nos revelam como viviam os índios antes da chegada dos europeus, e os primeiros contatos entre povos diferentes. Um dos relatos mais conhecido desse primeiro contato é a carta escrita por Pero Vaz de Caminha, relatando sua viagem e a "descoberta" do novo Mundo para o rei de Portugal, dispondo seus sentimentos ao se deparar com os índios:

> [...] de maneira que quando obatel chegou aaboca do rio heram aly xbiij ou xx homees pardos todos nuus sem nhuua cousa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas maãs esuas seetas. Vijnham todos rrijos perao batel e nicolaao coelho lhes fez sinal que posesem os arcos. Aly nom pode deles auer fala ne entendimento que aproveitasse polo mar quebrar na costa. Somente deulhes huu leuaua na cabeça e huu sombreiro preto. E huu deles lhe deu huu huu sombreiro de penas daues compridas cõ huua copezinha pequena de penas vermelhas epardas coma de papagayo e outro lhe deu huurramal grande de comtinhas brancas meudas que querem parecer daljaueira as quaaes peças creo queo capitam manda a vossa alteza e com jsto se volueo aas naaos por ser tarde e nom poder deles auer mais fala poraazo do mar[...] (CAMINHA, 2014, p.17, 18).

No trecho acima da Carta de Caminha, fica notória a passividade dos nativos ao terem as primeiras interações com os portugueses. Este primeiro encontro entre pessoas de costumes diferentes, teve consequências catastróficas na vida cultural dos ameríndios. Em decorrência de muitas guerras e as doenças tragas pelos novos integrantes, vários grupos nativos desapareceram ainda naquele período.



Figura 3 – Chegada de Pedro Álvares Cabral ao Brasil no dia 22 de abril de 1500.
Fonte: https://www.estudokids.com.br/a-chegada-de-pedro-alvares-ao-brasil/

Com base na expressão de Caminha (2014) ao ver a maneira que aqueles povos se encontravam, foi de tamanha estranheza, pois sua concisão de europeu e sua religião para aquela situação que jamais vira, onde homens e mulheres viviam nus. Nesse trecho relatado pelo escrivão é notória a vida dos nativos há mais de 500 anos atrás e a transformação cultural percorrida por eles aos quais foram forçados a traçar.

Além das cartas escritas sobre a chegada dos portugueses nas "novas" terras, outros documentos também relatam o contato entre os nativos e os novos habitantes, são as cartas escritas pelos jesuítas, tais relatos jesuíticos mostram a visão desses homens de "Deus" ao ver algo que jamais pudesse existir em uma sociedade. Segundo Moreau (2003) nos relatos dos mesmos havia duas formas de denominar especificamente o padrão de vida dos "selvagens", no qual se estudava o modo como viviam em família, chegados a serem considerados demônios, a segunda era a ideologia religiosa em que esses grupos adoravam. Há uma diferença entre a visão dos relatos portugueses com as dos jesuítas, mas devemos lembrar que para esses grupos de silvícolas não tinha nada de errado no que faziam e como viviam, pois, era uma vida que já levavam há séculos próprios de seus costumes.

Revigora Foguel (2016) quando as primeiras capitanias começam a se estalarem na costa litorânea do Brasil, vieram acompanhadas de resultados catastróficos para a cultura dos indígenas que viviam neste local, as guerras entre povos de origem e novos habitantes começaram a ser travadas, devido a disputa por território e a resistência a escravidão. Todavia, os costumes dos aborígenes portaram

uma transformação radical, dos quais estavam habituados, não tinham costumes de traçar uma rotina imposta por patrões. E viver outra cultura sem poder expressar a sua era uma infelicidade para os nativos, não tinham alternativas senão as fugas para o interior do país.

Segundo Oliveira (2006) os novos habitantes tomaram para si as terras e escravizaram os índios, usando o escambo como estratégia para enganar e escravizar os nativos. Ainda de acordo com o autor a lei de 1º de abril de 1680, essa lei coibia a permanência de índios em cativeiro, ocasionando motim entre os colonos. Os camponeses percebiam a vasta construção de aldeamentos pelos nativos, onde eles teriam conseguido autorização de áreas reservadas para trabalharem em prol da sua subsistência. Entretanto, fica notório o reconhecimento da coroa portuguesa já nesse período, e os direitos justos das terras originalmente habitadas por essa sociedade.

De acordo com Cunha (2013), em 1611 havia também o reconhecimento da Carta Régia que rogava as terras já resididas por seus senhores seriam donos delas, assim ninguém teria o poder de tomá-las ou realizar algum tipo de mazela e desrespeito qualquer.

No período Colonial a situação dos povos indígenas estava em debate pelos constituintes, os nativos não pareciam ser uma preocupação para os governantes daquela época. "Uma questão importante para a compreensão política do Brasil, mas ainda muito negligenciada pela historiografia, é a posição do índio no processo político de organização do Estado nacional durante o Oitocentos" (LIMA, 2012, p.212).

O interesse era consolidar de maneira clara, direta e corajosa o problema dos ameríndios e das comunidades integradas à ordem imperial e das inúmeras nações independentes que progressivamente foram conquistadas ao longo do próprio século XIX. Segundo Kossoy (2006) apesar de ter se passado três séculos, mesmo com tanto tempo de atraso a metrópole reconhecia a importância da cultura sendo uma das regalias da alta sociedade. Todavia, os únicos a terem admissão com ela eram os natos, isso se fortaleceu até quando o Brasil conseguiu sua independência.

> A ausência de uma definição precisa sobre o estatuto jurídico dos índios ou de um capítulo específico sobre a 'civilização dos índios bravos' na Constituição de 1824, tal como queria José Bonifácio e vários constituintes da Assembleia de 1823, não são condições suficientes, contudo, para postular a exclusão dos índios do pacto político imperial (LIMA, 2012, p.272).

Com base nas palavras de Lima (2012), apesar dos grupos nativos viverem em seu habitat de origem, depois da Independência os índios não fizeram parte da sociedade e nem do país politicamente. O período da Independência até a catequização dos silvícolas, eles não tinham direito algum sobre seus direitos. Mas José Bonifácio pediu a integração dos índios como cidadãos, pois só assim teria certeza que mudaria o comportamento deles entre a sociedade, já que eram tidos como "vagabundos", assim teriam obrigação a cumprir e respeitar.

Afirma Morais (2010) que o Tratado de Tordesilhas foi instituído em 1494, a partir de então, essa divisão foi sancionada pelo chefe da igreja católica, mas o rei francês não aceitou essa compartimentação, buscando meios de procura comercial de acordo com que ele achava bom. Para conseguir seus ideais, passou a estimular os acordos com seus subordinados e com os indígenas da localidade para atacarem os portugueses.

Ainda de acordo com Morais (2010), apesar da maioria como os nativos eram considerados com pessoas gentis, mesmo assim, quando avistavam os lusitanos lhes cobriam com flechadas. Essas reações dos nativos colaboravam para que os portugueses obtivessem uma sensação ruim dos ameríndios. Pois o olhar diferente para esses povos se fortalecia ainda mais, devido ao não entendimento de culturas de ambas as partes.

Corrobora Mattos (1999) quando se findava o período colonial, de acordo com cálculos desse século, os habitantes do Brasil nesse tempo eram de três mil e quinhentos integrantes, seis por cento eram indígenas "domesticados". Ainda de acordo com o autor, foi a partir do final desse período que se originou a sociedade "parda", assim como os índios, a sociedade negra livre tinha sua contribuição com cinco por cento dessa mesma população e, o processo de mistura dessas raças e ainda europeia fez originar-se uma nova raça os "pardos", criando uma abrangência muito melhor do que a percepção dos "'mulatos", este último era usado para designar o mestiço daquele período.

2.1.3 Os Índios e a Nova Ordem Imperial

Com a chegada do Império no Brasil os índios passaram por algumas mudanças em relação a sua cidadania e as terras que necessitavam para viverem, pois, os governadores procuravam uma solução para a situação dos povos nativos.

"Vou tratar de modo de catechizar e aldear os Indios bravos da Brazil; matéria essa de suma importância, mas ao mesmo tempo de grande dificuldade na sua execução" (ANDRADA, 1821 p. 320). Nesse período alguns índios já haviam sido "domesticados" e viviam com os novos habitantes do Brasil, enquanto outros resistiam essa mudança brusca de vida. Em um documento escrito por José Bonifácio de Andrada e Silva, podemos observar um pouco sobre alguns pontos que o ministro do Brasil ressalta sobre a necessidade de aldear os índios na província do Brasil:

> As primeiras provêm, 1º de serem Índios povos vagabundos e dados a continuas guerras e roubos; 2º de não terem freio algum religioso e civil que coíba e dirija suas paixões, d'onde nasce ser-lhes insuportável sujeitarem-se a leis e costumes regulares; 3º entregues naturalmente à preguiça, fogem dos trabalhos aturados e diários de cavar, plantar e mondar as sementeiras, que pelo nímio viço da terra se cobrem logo de mato e de ervas ruins; 4º porque temem, largando sua ida conhecida e habitual de caçadores, sofrer fomes, faltando-lhes alimento a sua gula desregrada; 5º para com as nações nossa inimiga recresce novo embaraço, e vem a ser o temor que tem que, depois de aldeados, não vinguemos a nosso sabor as atrocidades contra nós cometidas, ou porque, não tendo ainda provado o que tem que, depois de aldeados, não vinguemos a nosso sabor as atrocidades contra nós cometidas, ou porque, não tendo ainda provado o devido castigo de seus atentados, desprezam-nos, confiados na sua presumida valentia, e achando ser-lhes mais útil roubar-nos que servir-nos; [...] (ANDRADA E SILVA 1821, p. 320).

De acordo com o documento escrito por José Bonifácio em 1821, destacam-se alguns pontos sobre a situação dos povos indígenas daquele período, pedindo a inclusão dos nativos na nova constituinte do Brasil. Andrada e Silva afirma que os índios não têm comportamento algum e são povos preguiçosos e vagabundos, assim, sendo necessário que a nova constituinte estabelecesse regras para esses "ignorantes". Os silvícolas tinham uma maneira de viver bem deferente das dos novos habitantes e ambos tinham culturas extremamente opostas umas das outras, mas suas atitudes eram vistas como irônicas.



Figura 4 – Dom Pedro, Império do Brasil. Font: www.verdadeestampada.com/2017/06/historia-do-brasil-resumo - Acesso em 15/01/2018.

Segundo Cunha (2013) apesar do interesse do Príncipe do Brasil e do seu Ministro com projeto inovador para os silvícolas. No entanto, os governos de esquerdas conseguiram barrar essa feitoria, e Dom Pedro I acaba por forçadamente abandonar seu posto de governador do Brasil. Entretanto, a catequização e a "domesticação" dos nativos, devido ao estabelecimento da ação institucional de 1834, a mesma encarregava-se para que as juntas legislativas não permanecessem juntamente com os Governos Gerais.

Em conformidade com Sousa Lima (2012), os constituintes debatiam que se encontravam na região do Império dois tipos de índios, os "bravos" e os "domesticados". Para os ditos índios "bravos" seria de melhor relevância que fossem "domesticados", assim todos seriam cidadãos e teriam seus direitos iguais os demais brasileiros. Todavia, os "domesticados" não eram muitos citados pelos constituintes, mas na acepção que os mesmos passariam a serem declarados como homens livres e nascidos na região do Brasil. Com os títulos buscavam uma forma para organizar os habitantes do atual Império.

Ratifica Carroll (2013) os tempos de Império para os nativos foi o momento em que chegaram ao alto do seu aniquilamento e, quando os portugueses encontrassem com algum grupo nativo na mata, o ideal era que fossem mortos, isso fez com que os combates entres esses povos se tornasse cada vez mais integral. Porém, os aborígenes passaram a se tornar um empecilho para o que a nação queria se transformar e quanto para concessão de poderes de território.

O que estava sendo realizado não só no Brasil, mas em toda parte do mundo era uma guerra de extermínio contra a população baixa, sendo os principais

colaboradores dessas carnificinas, as forças imperiais da Europa. Todavia, a única maneira de persuadir esse povo no qual lhes consideravam inferior, era a destruição dos povos nativos em qualquer parte do continente da Americano.

> O padre Nobrega, jesuíta e primeiro missionário do Brasil, dizia com muita razão que com música e harmonia de vozes se atrevia a trazer a se todos os gentios do Brasil. Para o que será bom, como fazia os jesuítas, cantar as lições de moral cristã em versos e tons acomodados. Outro grande meio são os presentes: com eles ganharam os holandeses os nossos índios da capitania de Pernambuco; e o padre Vieira adverte, porém que sempre as nossas razões de Estado foram vencidas pelas nossas cobiças, e por não darmos pouco por vontade viemos a perder tudo por força (CALDEIRA, 2002, p.233).

De acordo com Caldeira (2002) os novos membros tinham tudo para agradar os nativos, assim como os padres que conseguiam viver em harmonia com os primitivos. Os jesuítas que viviam nos aldeamentos, não faziam o uso da força para conseguirem a confiança e o respeito dos aboriginário2. Enquanto a ganancia do ser humano em ter tudo a qualquer custo, resulta em deixa cair tudo pelas mãos devido a estupidez.

Segundo Brasil (2001) já se passaram mais de quinhentos anos, até então, não se tem o conhecimento verídico de quantas linhagens indígenas ainda permanecem vivas, incluindo suas línguas e costumes. Sendo que, esse desconhecimento só ocorre, porque os povos modernos não se interessam em distinguir a vida dos aborígenes ou simplesmente os desprezam. Essa concepção incompleta não chega a transcender o espaço dos docentes e especialistas. Todavia, para alguém que pretende saber muito mais em relação aos nossos índios brasileiros da atualidade, será bem poucas as etnias que ainda resistem aos impactos da industrialização.

Afirma Caldeira (2002) uma das maneiras usadas para dar apoio aos índios que ainda não estavam "mansos" é torná-los dignos dos benefícios do estado. No entanto, a administração governamental dos Estados Unidos e quem iriam cuidar para que os nativos não passassem fome, seriam implantadas sedes prisionais nas comunidades dos mesmos, para que não houvesse motivos para travarem batalhas e permanecessem em estado de tranquilidade. Ainda de acordo com o autor a maneira mais bem-sucedida para englobar e educar os "selvagens", seria o da força e da lei,

---

2 Aboriginário: que é originário do país em que vive.

mas de forma dinâmica para não perderem a força interior e o afeto que sentia pelos missionários.

Além dos índios que já tinham cedido a viver conforme queriam os brancos, outros se negavam a abdicar esse interesse. Sendo a principal causa desses massacres os confrontos de brancos que queriam de alguma forma expulsar os nativos de suas terras de origem. No entanto, não se tem certeza se houve uma desobediência por parte da sociedade com o governo ou se foram criadas para nãos serem respeitadas, ou ambas as situações.

Afirma Kodama (2009) após vários debates de qual seria os direitos e qual posição que os índios teriam na sociedade imperial do Brasil, em 1941 veio uma resposta pelo então represente do Império Candido José Araújo Viana. Pela primeira vez os nativos eram comtemplados com uma ata específica para sua catequização e civilização, sendo que os documentos anteriores nunca tiveram uma parte reservada para os mesmos. Ainda de acordo com o autor, essa nova perspectiva de integração dos nativos com a sociedade, poderia ser a chave para quebrar a utopia de índio indômito.

Segundo Almeida (2012) outra conquista importante e muito esperada pelos nativos foi a Lei de Terras de 1850, a mesma estabelecia uma reserva de terras para a colonização dos silvícolas, porém só foi regularizada em 1854 deixando-o mais claro quanto a organização do Império e os diretos dos brasilíndios. Não negar aos índios isolados o usufruto de suas terras é o ideal que o governo do Brasil deveria contribuir. Essa lei em seu ato permitiu a permanecia do fazer e criar dos índios, retardando a perca cultural total desses habitantes.

2.1.4 Os indígenas após a Proclamação da República

Melatti (2007) afirma que uns dos fatos que marcaram o período republicano foi a emancipação da igreja com o estado, pois que nos tempos de Colônia e Império, a igreja pertencia ao estado e todas as ações dirigidas pelos missionários para a catequização dos índios partia exclusivamente da governança. Em vista disso, os governantes do período colonial fizeram barreiras para que os homens de "Deus" por sua própria força de vontade tornassem os nativos cristãos. Ainda em concordância com o autor, essa separação foi crucial para o desenvolvimento dos objetivos religiosos para com os indígenas.

Ainda de acordo com o autor outro acontecimento a favor dos indígenas que destacou esse período foi a elaboração de um serviço para acolher os mesmos, no ano de 1910. Assim como no período colonial, na época da República se houve momentos em que a escravidão indígena não era permitida pelos legisladores. Todavia, no período imperial em nenhum momento era aceitável a escravidão dos autóctones, muito menos a violação de seus direitos, podendo ainda optar para o seu agregamento aos moldes dos urbanizados.

> I. Os Estados Ocidentais Brasileiros sistematicamente confederados e que provêm da fusão do elemento europeu com o elemento africano e o americano aborígene. II. Os Estados Americanos Brasileiros empiricamente confederados, constituído pelas hordas fetichistas esparsas pelo território de toda a República. A federação deles limita-se a manutenção das relações amistosa hoje reconhecida como um dever entre nações distinta e simpática, por um lado; e, por outro lado, em garantir-lhes a proteção do governo federal contra qualquer violência, que em suas pessoas, quer em seus territórios. Estes não poderão jamais ser atravessados sem o seu prévio consentimento pacificamente solicitado e só pacificamente obtidos (CUNHA, 2013, p.84).

Os incisos acima pertencem ao artigo primeiro do programa de constituição do Brasil republicano, ativado no mês janeiro do ano de 1990. Essas leis foram aprovadas pela Constituição Federativa do Brasil para apoiar e incentivar o respeito à identidade cultural dos povos indígenas no país. Essa foi a mais revolucionária e atenciosa diplomacia indigenista, que acontecerá no Brasil. Esse reconhecimento dos povos autóctones, é de grande importância para as linhagens desses grupos, como também, a permanência de suas tradições. Todavia, a proteção territorial das áreas indígenas para que esses ambientes não percam a originalidade e sustentabilidade necessária para a sobrevivência dessa população.



Figura 5 – CIMI crítica à política para indígenas do governo
Fonte: http://operamundi.uol.com.br/dialogosdosul/tag/povos-indigenas/ - Acesso em 20/01/2018

De acordo com Missionário (1986) os indígenas e indigenistas acenavam a chegada da "Nova República" acreditando que, o novo governo, poderia trazer transformações profundas para as necessidades indígenas. As quais eram a demarcação de suas terras com mais agilidades pelos decretos da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e a tão sonhada exclusão do Decreto de 88. 118/83 que tirava da FUNAI toda autoridade e responsabilidade de demarcação de terras indígenas, antes de sua responsabilidade. Sendo que neste momento os índios haviam perdido grande parte de seu habitat natural e esperavam a recuperação dessas terras pelo novo governo.

Os índios e os indigenistas queriam suas participações nas reuniões com o candidato à Presidência do Brasil, assim ficariam convictos que suas aclamações fossem realizadas nesse novo governo. "Os índios e as entidades indigenistas deram sua contribuição visando uma nova política indigenista através de debates e sistematizando as sugestões num documento entregue ao então candidato à Presidência da República, Tancredo Neves" (MISSIONÁRIO, 1986, p.88). No documento entregue ao futuro Presidente estavam todos os pedidos a serem realizados que há décadas buscavam respostas e realizações aos problemas que enfrentavam e custou a morte de muitos de muitos indígenas, que lutavam para não ver sua população dizimada.

Afirma Missionário (1986), que se passaram um ano do novo governo e não tinham nenhuma resposta dos processos emitidos no Ministério, sentindo-se enganados não conseguiam esconder suas indignações. Em busca de ter uma resposta ao acontecido tiveram que ir até Brasília saber o havia acontecido com os Decretos homologados, mas se depararam com o congelamento dos processos não havia nenhuma regularização de terras indígenas, nas demarcações muito menos agilizações.

> Esse procedimento autoritário teve seu clímax no recente episódio da reformulação da FUNAI (Decreto nº 92.470 de 18 de março de 1986), quando o governo sem nenhum diálogo prévio com os índios e entidades indigenistas, impôs um plano de descentralização administrativa que, sem dúvida, facilitará mais ainda interferência intromissão indébita de interesses econômicos e políticos locais na condição do órgão, de modo especial, em relação a demarcação de terras (MISSIONÁRIO, 1986, p.89).

Ao em vez de assegurar as terras para não exploração de suas riquezas minerais nas terras indígenas, o atual presidente contraria o pedido dos índios e

indigenista, liberando DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) efetivou a retirada de minérios das terras indígenas sem ao menos um diálogo entre os representantes dos povos indígenas. Entretanto, foram abertos caminhos para interesses políticos e econômicos, sem nenhum tipo de respeito pelas pessoas que necessitavam dessas regiões pura para sua sobrevivência. Todavia, os nativos eram moradores dessas áreas há décadas e a história de seus antepassados era reflexada através do ambiente, pois a mata era a mãe dos seres vivos e responsável pela sobrevivência cultural desses grupos.

Segundo Leonel (1995) a situação dos povos indígenas não era muito boa, principalmente por terem suas terras invadidas constantemente e seus povos massacrados. Devido a perca de territórios dos nativos o judiciário se manifestou em prol dos direitos dos indígenas pelas terras que habitavam e de grande valor para a sobrevivência dos mesmos. Entretanto, o STF (Supremo Tribunal Federal) se manifestou em socorrer alguns grupos étnicos, em vista, dos colonos terem documentos registrados pelo INCRA, mas não era validado.

Corrobora Leonel (1995) que os indigenistas pensavam que seriam apoiados pela Procuradoria Geral da República e, emitiu várias feitorias de interesses dos indígenas pelas terras e outros a mais. Após quinze dias, retira-se a revogação decidida pelo Presente José Sarney, seu representante Wagner Gonçalves entra com uma ação para concretizar seus direitos em revogar as terras. Em Brasília o mesmo através da Justiça Federal, direciona contra a União e ao órgão da Fundação Nacional do Índio. Segundo Leonel (1995) isso acontecerá porque o decreto do então presidente da República e do pórtico da Fundação Nacional do Índio, teria deixado afastado mais de duzentos e dezoito mil hectares de terras na região em disputa.

2.2 COMUNIDADES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA E SUA IDENTIDADE CULTURAL

Hüttner (2007) afirma que a Amazônia simboliza nos dias que correm seu crescimento socioeconômico e cultural da raça humana uma das maiores possibilidades de vivência, assim sendo, os pecúlios próprios da região, além da cultura compreensível dos grupos indígenas. Para as comunidades nativas, essa região é uma perspectiva de salvação dos grupos nativos e a continuação de seus costumes.



Figura 6 – Apesar da influência, a cultura original ainda permanece (Foto: Bom Dia Amazônia)
Fonte: de globo. globo.com/redeamazonica/tv-roraima/noticia/2014/09/bom-dia-amazonia

Corrobora Benchimol (1992) que as "novas" culturas foram ganhando espaço nas sociedades da Amazônia com o passar dos séculos. A Amazônia era prevalentemente indígena, o saber, de manter-se vivo, criar e dominar em ambas as partes da linha do equador.

A chega de pessoas das mais variadas regiões do Brasil na Amazônia, a cultura local começou a se misturar com as "novas". O excesso de culturas diferentes, a cultura de origem é substituída por outras, tornando-as variantes em seus costumes. As comunidades na Amazônia são bem variadas em seus costumes, religiões, modo de se organizarem sociedade, suas atitudes, como fazem uso dos recursos naturais, entre outros aspectos culturais.

A resistência dos índios para não serem escravizados pelos portugueses na costa brasileira, deram início às fugas em direção a Amazônia, estabelecendo-se as margens dos rios mais importantes. "Nos últimos séculos, porém, índios que falam tupi, bons guerreiros, se instalaram dominadores, na imensidade da área, tanto à beira-mar, ao longo de toda a costa atlântica e pelo Amazonas acima, como subindo pelos rios principais, como o Paraguai, o Guaporé, o Tapajós, até suas nascentes" (RIBEIRO, 1995, p.29).

Essas fugas ocasionaram a integração do índio nessa região que procuravam um lugar para continuar vivendo de forma como viviam no litoral do Brasil, antes da chegada dos europeus, fugindo da escravidão e da morte.

> Não era, obviamente, uma nação, porque eles não se sabiam tantos nem tão dominadores. Eram, tão só, uma miríade de povos tribais, falando línguas do mesmo tronco, dialetos de uma mesma língua, cada um dos quais, ao crescer, se bipartia, fazendo dois povos que começavam a se diferenciar e logo se desconheciam e se hostilizavam (RIBEIRO, 1995, p.29).

Apesar dos índios se localizarem em uma mesma região, falarem a língua do mesmo tronco linguísticos e dialetos iguais não se reconheciam como nação, cada grupo abaciavam ser os melhores guerreiros, gerando até a destruição de aldeias vizinhas. Não imaginavam um novo mundo sem ser aquele que costumava ter, mas essa maneira diferente imposta pelos europeus não parecia ser nada bom para seu povo e muito menos a relação que tinham com natureza.

Afirma Ribeiro (1995) que os índios da fala Tupy, começam a engatinhar para uma evolução cultural, saindo dos moldes paleolítico, conciliando junto com outros povos a evolução agrícola fazendo sua própria plantação, sem precisar ficar de um lugar para o outro em busca de alimentos. Começando a fazer seus cultivos de batatas, milho, cará, algodão, feijão, milho, tabaco, mandioca, mamão e vários tipos de frutas etc. Faziam derrubadas de árvores com machadinha, instrumento fabricado pelos próprios aborígenes, passaram a domesticar várias plantas selvagens fazendo o processo de retirada da seiva venenosa para o preparo dos alimentos como a mandioca, essa forma de transformá-la em alimento, foi de suma importância para os nativos, tornando-se o produto principal para o alimento.

> O século XXI desfolha os novos caminhos rumo ao interior do país, fazendo com que a máquina neodesenvolvimentista encontre como obstáculos as comunidades tradicionais e o meio ambiente preservado, que garante a subsistência desses povos. A territorialização do capital busca as fronteiras e as brenhas de um Brasil profundo e profícuo de povos indígenas que vivem em harmonia com a natureza, seguindo rumos próprios. Porém, o decreto de extermínio está dado, como outrora (HOLANDA, 2012, p.15).

Os índios escolheram se estabelecerem nas beiras dos rios, porque lhes ofereciam melhores condições de vida, pois tinham a pesca uma das principais fontes de alimentos. O único interesse das metrópoles com a Amazônia era a exploração dos recursos naturais, sustentando-se apenas do extrativismo vegetal, com o fracasso no processo de reprodução da borracha, manteve-se na miséria por longos anos.

2.2.1 Origens históricas das comunidades na Amazônia

Os seres humanos chegaram na Amazônia devido seu ato de caçar, esse costume trouxe-os a América do Sul, "já na postura de Homo sapiens, por volta de 10.000 a.C., de acordo com datações feitas através de análises com o C14" (HUTTNER, 2007, p.14). A busca por alimentos colaborou para levar o homem a Amazônia, achando o lugar ideal para a sua sobrevivência.

Com o passar do tempo, esses homens saíram do centro da América para se firmarem na parte sul, os bandos de caçadores e coletores tendo com vossa pessoa apenas seus conhecimentos e práticas moldadas pelas suas experiências. "Cerca de sete mil a.C., nas montanhas do México, alguns coletores descobriam a fonte germinativa das sementes de plantas, como milho, abóbora, que depois se espalhou para a América Central e região andina, e desta para a América do Sul" (HUTTNER, 2007, p.15). O aparecimento humano na região amazônica com o decorrer dos séculos influenciou e talhou o conhecimento de uma comunidade tropical de sobrevivência, primitiva adaptando-se ao ambiente.



Figura 7 – O povoamento da América.
http://ligadosnahistoria.blogspot.com.br/2010/04/o-povoamento-da-america.html

Quando se iniciaram as primeiras expedições portuguesas e inglesas para a Amazônia, em definirem as fronteiras do país, essas ações serviram para impulsr o capitalismo e o mercantilismo, ampliando o mercado nessa região. Todavia, os moradores dessa região já viviam um sistema mercantilista. Com boatos da descoberta de uma "nova terra" no século XV, os europeus enviam Cristovam

Colombo e sua esquadra para a América como garantia do comparecimento da Europa.

> Os primeiros habitantes da Amazônia formaram uma continuidade de alta sofisticação. Abrangeram desde o paleoindígenas até os pré-ceramistas acaricos avançados, estabelecendo uma vasta e variada sociedade de subsistência sustentada por economias especializadas em pesca de larga escala e caça intensiva, além de agricultura e amplo espectro, cultivando plantas e também criando animais. A existência de artefatos fabricados por certos povos, encontrados em diversas áreas da região, é prova de que havia um intenso sistema de comércio, de viagem de longa distância e de comunicação (HUTTNER, 2007, p.15).

Um fator que contribuiu em grande escala para os nascimentos de novas comunidades na Amazônia, foram as formações de aldeias controladas pelos padres. Para os religiosos era muito difícil convencer em um tempo curto um grupo de índios para saírem da região que já estavam habituados para outra que teriam que cumprir regras. O processo de "descimento" dos nativos demorava muito tempo e, quando alguma etnia não aceitava fazer parte desse plano da Coroa, a partir de então, eram considerados inimigos.

Os padres teriam que obedecer às ordens do rei, pois todas as etnias achadas deveriam descer para os aldeamentos mais próximos, para que fosse realizada a catequização dos mesmos. "Mas esta interferência branca em um nomadismo tão nativo deveria ocasionar sérias mudanças na vida cultural e material destes agrupamentos humanos" (FONTE, 2002, p.72). Com a interferência da política na vida dos nativos nos aldeamentos dos missionários, muitos indígenas não aceitavam o novo ritmo de vida e, começaram a fugir das aldeias religiosas, enquanto outros optavam em ficar, assim, estariam livres de serem escravizados ou mortos por outros grupos inimigos.

Segundo Filho (2006) a história da Amazônia pode ser avaliada em três longos sentidos: tendo como o primeiro o furto dos produtos naturais, isso, com a chegada dos europeus que surrupiavam tudo o que lhes eram de benefícios, inclusive a exploração da mão de obras dos indígenas; o segundo é aplicado pela borracha, apesar de pouco tempo, mas foi predominador em se tratando de consequências, em fins do século XIX e início do XX; o último foi quando se buscaram constituir a Amazônia dos países em que está encontrada, tais como o Brasil, Peru e Equador, embaraçando-se na política dessa região, aos quais os brasileiros ainda não conseguiram se desenrolar.

2.2.2 Aspectos socioculturais e as políticas indigenistas na Amazônia

Segundo Bitar (2010), os primeiros estímulos culturais na Amazônia se deram pela chegada dos missionários, que sempre estavam em busca de índios para catequizarem, em vista disso, eram moldados de acordo com a cultura europeia. Um episódio que podemos retratar como um influente objeto sociocultural na construção da identidade do povo amazônico.

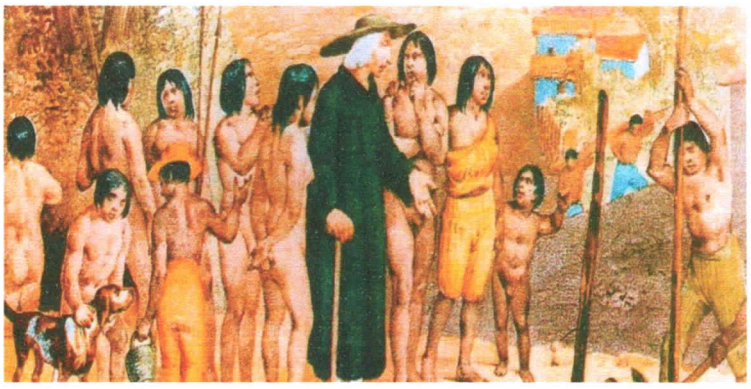


Figura 8 – A igreja e a criação da Amazônia. Fonte: www.evaristodemiranda.com.br/artigos-tecnicos/a-igreja-e-a-criacao-da-amazonia.

De acordo com Prado (1987) os jesuítas, carmelitas, franciscanos e beneditinos, eram tragos para a Amazônia juntos as capitanias portuguesas para ajudarem a fortalecer na conquista dessas terras. Os missionários tinham a função de catequizar os índios nos povoados, assim, eram vistos pelos capitães da companhia como colaboradores e utilitários nas conquistas por territórios.

Para Bitar (2010), um fato que trouxe uma modificação muito grande para a cultura dos povos da região Amazônica, foi o da exploração da borracha. Naquela época várias pessoas chegaram na mesma em busca pela sobrevivência, essa deslocação desenfreada, penosa e caótica ao qual os novos moradores se submetiam. Vindo do Nordeste, essas pessoas sonhavam com uma vida melhor da qual ele estava sujeito à fome e miséria. Com a mistura dos imigrantes e o povo amazônico deu-se um procedimento de implantação da identidade Amazônia pela mestiçagem de brancos, negros, índios e outras origens que migraram para essa região.

Corrobora Cunha (2003) para os nordestinos essa oscilação entre coletividade e o natural da floresta em que seriam capazes de viverem em harmonia nos seringais, passando a viverem isolados de sua cultura. Essa era uma das políticas dos barões dos seringais no qual exploravam esses homens, passando-se a se adaptarem com os perigos da floresta.

> A população neobrasileira da Amazônia formou-se também pela mestiçagem de brancos com índias, através de um processo secular em que cada homem nascido na terra ou nela introduzido cruzava-se com índias e mestiças, gerando um tipo racial mais indígena que branco. Incapaz de atender aos apelos da gente boa da terra, que pedia mulheres portuguesas, a Coroa acabou por dignificar através da lei e por estimular mediante regalias e prêmios o cruzamento com mulheres da terra. Independentemente dessa política oficial, porém, a mestiçagem se vinha fazendo desde os primeiros tempos da colonização (RIBEIRO, 1995, p.314).

De acordo com o Ribeiro (1995), apesar da criação de uma lei pela coroa que despertava por intermédio de prerrogativa e gratificação para os quem tivessem filhos com mulheres nativas. Mas ainda de acordo com o autor muito antes de se radicarem o cruzamento de brancos e índios, já se havia essa relação desde o início da dominação do Brasil pelos europeus.

Afirma Benchimol (1999) que as centrais culturais dos povos da região amazônica passaram a ser estruturadas por variantes como consequências, encadeamentos, misturas de raças, antagonismos, guerrilhas, adequações e por diversas misturas de doutrinas, dialetos e linhagens. O cruzamento de raças diferentes entre os índios, lusitanos, hispânicos e naturais da Europa surgiu os caboclos, mais tarde havendo outras introduções de grupos diferentes como os nordestinos, os negros africanos, os nipônicos e judeus.

Conforme Filho (2006) grande parte da cultura própria da Amazônia desapareceu eternamente. O que ainda possa existir dessas velhas comunidades são somente retificações de sabedoria, por intermédio de navegação, a prática na construção de suas casas, como também pelo usufruto da floresta e dos recursos que ela oferece que foram transmitidos para os nativos e estão vigentes nos tapuios da Amazônia.

Segundo Silva (2012), após todos os cidadãos brasileiros terem sobrevivido o período mais repressor da ditadura militar no Brasil, mais conhecido como "anos de chumbo" que ocasionou um retrocesso nos direitos culturais dos nativos na Amazônia. Neste momento, nas cidades os políticos, alunos e produtores eram atormentados e

encarcerados, nos campos os fazendeiros e indígenas estavam sendo mortos ou forçados a abandonarem suas propriedades para darem lugar ao desenvolvimento do país. Em vista disso, o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) faz uma publicação denunciando a política, de massacrarem as populações indígenas do Brasil.

Ainda de acordo com Silva (2012), referido documento foi publicado em 1973, com o nome de "Y-Juca-Pirama: o índio aquele que deve morrer", após a divulgação do mesmo gerou um grande choque nacionalmente e internacionalmente, aponto de tornar turvo o Estatuto do Índio, Lei 6001 de 1973. Com a tentativa de diminuir as ações causadas pelas denúncias sucessivas contra a aniquilação dos nativos nos exteriores.

> O século XXI desfolha os novos caminhos rumo ao interior do país, fazendo com que a máquina neodesenvolvimentista encontre como obstáculos as comunidades tradicionais e o meio ambiente preservado, que garante a subsistência desses povos. A reterritorialização do capital busca as fronteiras e as brenhas de um Brasil profundo e profícuo de povos indígenas que vivem em harmonia com a natureza, seguindo rumos próprios. Porém, o decreto de extermínio está dado, como outrora (SILVA, 2012, p.15).

Em vista dos fatos ocorridos durante o período colonial no Brasil, a Ditadura militar serviu de embasamento para dar sucessão nos extermínios dos indígenas. Apesar de não haver nenhum registro que comprove essa argumentação, mas eram notórias nas atitudes de quem tinha as comunidades originárias da Amazônia como uma pedra no caminho para desenvolvimento da nação. Apesar do fim da Ditadura, a afronta contra essa nação permaneceu, mesmo com a aprovação da Constituição Federal de 1985 do artigo 231, resultados de grandes lutas pelos indigenistas.

De acordo com a FUNAI (2016), a política indigenista do Brasil, o que está sendo de grande desafio, são as anexações e colaborações dos empreendimentos dos governos federais em parceiragem com os estados e município das sociedades civis. Isto tinha em vista, uma das enormes competências e forças das políticas. Segundo a FUNAI, apesar de terem se passados anos da propagação da Constituinte, ainda se mantem várias ilegalidades sobre os direitos dos povos indígenas desse país, acima de tudo, és tido como consequências do encadeamento de desenvolvimento do país, em vista maior para a região Amazônica, considerada uma região com grande potencial de salvamento para a nação, não só brasileira, mas do mundo inteiro.

Corrobora Vieira (2000) que em 1980 a política indigenista teve sua continuidade e aceleramento na Amazônia pelos militares, implantando diversos programas econômicos na região. Segundo o autor o CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) teve uma participação fundamental na política indigenista da Amazônia nessa época, pois o mesmo se empenhava pelo reconhecimento desses povos no sistema constitucional.

> Em 1990 foi promulgada a lei 8.080, conhecida como Lei Orgânica da Saúde, que aprofunda e pormenoriza a regularização do direito universal à saúde, prevista na Constituição de 1988. A mesma lei define a estrutura do Sistema Único de Saúde, estabelecendo o comando único de gestão no campo da saúde no Brasil, a ser exercido pelo Ministério da Saúde, prioriza a criação de Distritos Sanitários como formas de organizar a atenção a ser oferecida na rede de serviços de saúde e o papel do Conselho Nacional de Saúde como fórum máximo de decisões no setor, comportando a participação paritária de representantes do poder público e da sociedade civil [...] (OLIVEIRA, 2006, p.134).

Com o estabelecimento da Lei 8.080, era o início para reconhecimento de uma saúde melhor para a população em geral, priorizando uma das áreas de suma importância para o bem-estar dos moradores. No mesmo ano que foi aprovada a Lei, foram geradas assessorias para ficaram a par da saúde indígena do Brasil, uma delas foi o estabelecimento da CISI (Comissão Intersetorial de Saúde Indígena), o mesmo ficou responsável pela política de saúde direcionadas à população indígena.

Conforme Vieira (2000), na década de 1990 a política indigenista na Amazônia ainda não havia sido definida pelos governantes. Em vista desse problema, os nãos índios começaram a impor opressão econômica em encima dos dirigentes, mas o governo só passa a atuar na política indigenista, devido à convicção de manifestações populares por parte do exterior que começam a atuar nesta questão.

Afirma Oliveira (2006) a política da saúde indígena tem que ser compreendida no mesmo âmbito do campo da política de saúde. O SUS (Sistema Único de saúde) é para todos da região brasileira, independentemente da etnia, todos os grupos que pertencem ao Brasil, o sistema de atendimento à saúde é igual para todos. Todavia, terá que ter um grupo de governo para a sociedade brasileira e outra para a política indigenista.

A implantação da política da saúde indígena requer de uma afinidade entre órgão de estado e a sociedade, assim, os dirigentes de ambas as partes entrarão em consenso com os governadores políticos e grupo social. "Para fins dessa análise,

delimitamos a realização da I Conferência Nacional de Proteção à saúde do Índio, em 1986, como marco inicial da política de saúde indígena atualmente em curso" (OLIVEIRA, 2006, p. 134). O objetivo explícito da conferência era formular uma política de atenção à saúde indígena, então a cargo da Fundação Nacional do Índio.

O fim da década de 80 foi de agitação no campo da saúde brasileira, pois os dirigentes de saúde queriam uma nova estruturação organização para a saúde em geral. Em vista disso, casou-se uma enorme repercussão na área da saúde do Brasil, chegando à questão da saúde dos povos indígenas, surgindo indagações para que fosse gerada uma política aparte, e mesma deu iniciativas para as políticas da saúde indígena que fazem uso.

2.2.3 Comunidades indígenas do Pará e sua origem histórica

Segundo Fontes (2002) a região que hoje é considerada a capital do estado do Pará, antes de 1616 era chamada de Grão-Pará, além dos estados que formam a região amazônica, ainda incluíam uma parte do Maranhão, Piauí e Ceará. Em 1616 a capital da Amazônia é batizada com o seu novo nome, Santa Maria de Belém, mais conhecida por Belém.

Segundo Fontes (2002) a região norte do Brasil foi a última a receber uma atenção maior por parte dos governantes do período colonial, segundo os viajantes daquele período até no início do século XVII essa região era de difícil acesso o que dificultava a integração da mesma.

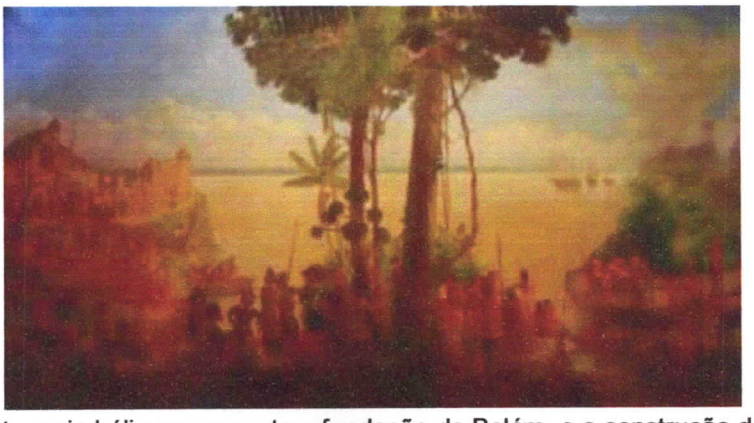


Figura 9 – Pintura simbólica representa a fundação de Belém, e a construção do forte do Presépio, obra de Theodoro Braga, 1908. Fonte: http://belemhistorica.blogspot.com.br

Os "donos" desse território perceberam que poderiam perder essas terras, pois seus maiores visitantes eram os países estrangeiros, enquanto eles prendiam suas atenções para o capitalismo nas regiões do litoral, o Pará e as demais comunidades a sua volta ficavam fora dos planos capitalistas e integralistas desse.

> [...]. Desde a sua fundação oficial, nos idos de 1616, o povoamento se espalhou ao redor da fortificação do Presépio e sobre sua proteção os moradores ali se estabeleceram. A sociedade "primitiva" do vale amazônico, já existente antes da tomada de posse oficial pelos portugueses, passou a estar sob a mira de muitos olhares: o rei dos militares que chegaram e dos missionários religiosos que tanto se compadeciam de seus estados de barbárie e tudo faziam para tornar mais civilizados e ocidentais os habitantes desta terra. Diria até mais: tornar portugueses esses primeiríssimos habitantes, influenciados que formaram por outras nacionalidades europeias (FONTES, 2002, p.63).

Corrobora Guerra (2006) que a inauguração de Belém e a construção do forte do Presépio, objetivava a proteção da região pelos invasores e desenrolamento do atual Estado do Pará. No decorrer do tempo começaram a chegar à mesma, várias populações que já tinham sido formadas na região como: os índios "civilizados", os mamelucos e açorianos até como uma forma de se protegerem dos ataques que eram constantes nos aldeamentos. Com a chegada desses povos e com os poucos brancos que moravam em Belém, sendo os religiosos e militares, contribuíram para o surgimento da população de Santa Maria de Belém.

Guerra (2006) afirma que o Município de Monte Alegre está localizado no Estado do Pará há poucos metros da capital paraense em linha reta. Segundo Guerra (2006) a população desta comunidade tem como formador inicial os indígenas, um pouco europeia e muito menor foi a contribuição negra para a formação desse povoado. A mistura entre índios e europeus nessa região foi de maior número, por isso, seus descendentes têm os traços fortes dessas duas primeiras raças. Em vista, da chegada tardia dos negros e, em pouca quantidade no Pará, a maioria viviam nos quilombos.

Para Guerra (2006) Monte Alegre é considerada pelos arqueólogos a mais valorosa região da Amazônia, por nela existir vários sítios arqueológicos que desvendam teoricamente a origem, ocupação e evolução do homem da Amazônia. Os tempos iniciais para a evolução de Monte Alegre foi bastante lenta. "Até na década de quarenta, como meio de transporte e de comunicação apenas dois navios de companhia Amazon River, faziam escala com interregno de dez dias, na ida desta até

Manaus e na volta parra Belém, na linha regular da companhia" (GUERRA, 2006, p.21). Apesar de se encontrar próxima a Capital do Estado, sua área ficava fora da rota comercial entre Belém e Manaus, dificultando a ida dos navios para a mesma.



Figura 10 – Frente da Cidade de Monte Alegre em 1930. Fonte: http://sidcanto.blogspot.com.br/2017/03/

Um fato histórico muito importante que abalou o Município de Monte Alegre ocorreu em 1946 e agitou as estruturas Democráticas do Brasil. Com a tão sonhada eleição direta pelos brasileiros, os eleitores pressionavam o governo de Vagas para que fossem realizadas eleições diretas e gerais no país. "A ditadura acabou caindo e as eleições gerais aconteceram em 1946, com a convocação, em seguida, de uma Assembleia Nacional Constituinte, tendo o PCB participado da mesma concorrendo com candidatos a deputados e senadores constituintes" (GUERRA, 1992, p.123). Neste período o único partido do Município de Monte Alegre era o Partido Populista ou partidão como era chamado pelos moradores.

Tendo como membro o Dr. Cerejo comunista e, por onde andava fazendo visitas aos doentes propagava o comunismo, levando ao conhecimento dos moradores que, os direitos eram para todos e Monte Alegre também tinha direito em uma boa infraestrutura, educação, saúde entre outros benefícios governamentais e, lutava pelo reconhecimento do povo montialegrense.

Guerra (1992) afirma que Monte Alegre comunista era uma ameaça para o sustento da organização Democrática do país. A partir de então, Monte Alegre estava em "alerta vermelho", era o que dizia os comentários dos jornais brasileiros, já que o Município vivia uma epidemia comunista, tornando-se um risco para o Brasil. As

notícias se alastravam, e não somente o Município de Monte Alegre, mas toda a região da Amazônia poderia parar em mãos estrangeiras.



Figura 11 – Santarém indos de 1848/9, feita a óleo sobre uma madeira irregular, obra de Apolônio Fona. Fonte: http://sidcanto.blogspot.com.br .

Constata Tavares (1876) que a Cidade de Santarém era considera pela província do Pará, com os maiores números de habitantes e com o maior potencial comercial da região. Seus habitantes de origem foram os indígenas que se chamavam Tapajós, recebiam esse nome devido ao rio Tapajós. Ainda de acordo o autor era possível observar alguns requisitos de origem na parte ocidente da região, onde viviam pacificamente e arduamente alguns indígenas.

> Sobre os primeiros Habitantes do Rio Tapajós, apenas é mencionado um período aproximado de chegada, por volta de 7.800 anos. Quando a procedência, não se sabe ainda se seriam os cerrados do Planalto Central, as outras regiões do Brasil ou até um outro continente. Nada se sabe também sobre os tipos de organização que apresentavam, até quando permaneceram aqui, como e porque abandonaram a região (AMORIM, 2000, p. 83).

No ano de 1754 foi reconhecida como vila e, os índios Tapajônicas foram cristianizados pelos jesuítas, os quais lhe ensinaram a cultivar, tornando-se um dos maiores comerciantes de exportação para a capital paraense. De vila Santarém passou a ser cidade no ano de 1848, por conta de uma lei aprovada no dia 24 de outubro deste mesmo ano, tornando-o o maior repositor comercial do baixo Tapajós, sua região, médio e alto Tapajós.

Certifica Tavares (1876) que a comunidade de Itaituba era a mais significativa do rio Tapajós, pois a vila abastecia todos os armazéns do alto Tapajós, na mesma havia plantações de guaraná, esse produto era lavrado e preparado pelos índios maués. Itaituba encontra-se as margens esquerda do Rio Tapajós há 233 km, posterior a cidade de Santarém subindo o principal rio da região. Os primeiros habitantes de Itaituba foram os indígenas mundurucus e maués, que tinham vínculos de comércio com Santarém pelos produtos de grande importância que ofereciam, foi o que serviu para torná-lo mais significativo daquele período.



Figura 12 – Foto extraída do Orkut da Maria Lúcia Cabral Furtado, Itaituba 1970.
Fonte: http://colocandoospaposemdia.blogspot.com.br/2010/06/

Segundo Tavares (1876) a população do vilarejo resumia-se em 3.600 moradores dos dois sexos e, os índios superavam a quantia de 4.000 indivíduos. Possuía apenas um colégio, frequentado por apenas 30 estudantes, sendo 05 meninas e o restante meninos, sua sede encontra-se um pouco degredada. O mais importante comerciante do Alto Tapajós era o F. C. Correia, por ser dono de uma grande área rural, nas proximidades do rio São Manuel, afluente ao rio Tapajós.

Segundo Tavares (1876) em 1850 Itaituba teria sido honrada com a posição de vila, substituindo Brasília Legal ao qual encontrava-se em pleno declínio. Considerado município de Santarém, Itaituba nesse período era vista como a melhor exportadora do Pará e Amazonas. Os principais produtos de exportação eram as drogas do sertão: borracha, o guaraná, óleo de copaíba entre outros produtos de grande relevância.

A vila Itaituba possuía apenas dezessete casas com a cobertura de telhas, vinte cabanas todas bem conservadas e uma igreja logo à frente. Segundo informações de pessoas desse período, esse templo recardava uma boa quantia em dinheiro doado pelos religiosos que idolatravam a Nossa Senhora da Conceição. Mas suas condições não respondiam, pois, suas instalações encontraram degradadas.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é um método de averiguação que tange em revelar a conexão existente entre a aparência exterior e os acontecimentos, episódios e, circunstâncias de uma dada realidade. A pesquisa "é um procedimento formal, com método de pensamento flexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais" (MARCONE E LAKATOS, 2003, p. 70). Nesse âmbito, visamos neste trabalho fazer uma averiguação sobre a Cultura Indígena dos Apiakás da Aldeia Terra Preta. Almejamos com isso descobrir quais os fatores que contribuíram e contribuem para o processo de desculturação desse povo.

Optou-se pelas pesquisas qualitativa, descritiva, foi prosseguida na ótica bibliográfica e de campo. Segundo Yin (2016) a pesquisa qualitativa não é semelhante a outros métodos das ciências sociais, pois, quase todos os acontecidos da vida real podem ser alvo dessa pesquisa. Com esse tipo de pesquisa estaremos abordando o modo de vida e os costumes dos índios Apiakás da Aldeia Terra Preta.

Segundo Rampazzo (2005) a pesquisa descritiva é feita através de observações, indagações, compilando as semelhanças dos acontecimentos ou episódios variados, sem modificá-los. Esse tipo de pesquisa, analisa os fatos e as ocorrências do mundo físico, exclusivamente do mundo humano, sem que haja participação do pesquisador.

Ainda de acordo com Rampazzo (2005) a pesquisa descritiva progride-se principalmente nas ciências da sociedade, analisando os elementos e as dificuldades que precisam ser estudadas, mas não há declaração ou escrita que comprovem esses fenômenos. Por este motivo, a pesquisa descritiva é importante para estudos em comunidades. Ela investiga de forma minuciosa a vida as relações entre as pessoas, independentemente da complexidade do grupo. Entretendo, serão analisados os fatores sociais da aldeia Terra Preta: economia, religião, política e os demais aspectos dos indivíduos dessa comunidade.

A pesquisa bibliográfica explicará um problema a partir de teorias comprovadas através de estudos pesquisados e documentados. Os documentos já expressos servirão de completo para comprovar o assunto em debate. A pesquisa bibliográfica

é "aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos expressos, como livro, artigos, teses [...]" (SEVERINO, 2015, p.19). Esses materiais são fontes a ser pesquisadas, poderá o pesquisador utilizar os dados destes documentos para realização da pesquisa na categoria teórica. Os temas poderão ser trabalhados a partir da contribuição dos autores dos estudos analíticos conseguintes dos textos.

Gil (2008) distingue que a pesquisa bibliográfica possui uma gama de fatos que permite ao investigador ir além do que poderia investigar diretamente, tornando-se vantagens nas pesquisas. A partir do estudo bibliográfico as pesquisas se tornarão mais amplas, pois, quando é usado esse tipo de pesquisa, surgem vários outros casos que servirão para enriquecerem os trabalhos.

Corrobora Severino (2007) a pesquisa de campo é o objeto e ao mesmo tempo a fonte do pesquisador. O pesquisador aborda o próprio meio ambiente, utilizando-se dos fenômenos naturais para a coleta de dados através de observações sem intervenções dos pesquisadores. "Os estudos de campo procuram muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis" (GIL, 2008, p.25). Todavia, o estudo de campo é uma qualidade de pesquisa que sonda a realidade da prática distinta.

Sobretudo, a pesquisa de campo é feita por meio de observações diretas das práticas dos grupos pesquisados, averiguando e entrevistando informadores que obtenham as interpretações dos acontecimentos reais. Tomando como conhecimento, realizou-se pesquisa de campo na aldeia Terra Preta em Jacareacanga/PA, onde os indígenas Apiakás foram questionados e entrevistados.

Foram aplicados questionário com dez perguntas para os moradores do aldeamento e suas respostas foram gravadas, o mesmo indagará a Cultura dos índios Apiakás e os problemas enfrentados para o desenvolvimento de seus costumes. As entrevistas também foram gravas, ao qual os índios relataram seus hábitos e um pouco do convívio desse grupo.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

A comunidade Indígena Terra Preta pertence ao Município de Jacareacanga desde 1995, quando conseguiu sua dependência. De acordo com o site Cidadesdomeubrasil, o nome Jacareacanga foi dado pelos índios que habitavam a

região ao observarem do alto de uma elevação próxima à antiga vila, que a mesma possuía uma forma que lembrava um jacaré, tendo em seu dorso uma saliência semelhante a uma canga. A sua história se confunde muito com a do Município de Itaituba e da conquista do Rio Tapajós, apresentando destaque especial a partir da década de 50 quando o então Presidente da República, Getúlio Vargas, estabeleceu uma estratégia de ocupação da região, chamada de "Marcha para o Oeste", que objetivava acima de tudo, consolidação e soberania nacional "povoando" a região norte do país.



Figura 13 – Cidade Jacareacanga, vista aérea. Fonte: https://giroportal.com.br/jacareacanga.

No fim da década de 1950 um fato marcou profundamente a região, foi o início da garimpagem do ouro, provocando um forte movimento migratório, gerando uma ocupação desordenada e o estabelecimento de uma dependência econômica.

A emancipação política do Município de Jacareacanga decorreu como resultado de um longo processo de mobilização dos moradores, concretizando uma antiga aspiração da comunidade que tinha um anseio muito grande no atendimento de suas necessidades básicas.

A ascensão de Jacareacanga à categoria de Município correspondeu às expectativas de promover o desenvolvimento daquela localidade. Segundo depoimento de líderes locais, o sentimento de separação foi se tornando algo bastante visível, considerando as condições de isolamento que aquela região estava submetida e, principalmente, a ausência de administração local, fazendo crescer a insatisfação e pressão popular em busca da autonomia político-administrativa. Ressalte-se que as

distâncias consideráveis em relação ao Município-Mãe (Itaituba), colocavam dificuldades na resolução dos problemas, além da interferência política desfavorável ao desenvolvimento daquela região.

O processo de emancipação contou com a participação do vereador de Itaituba Luiz Fernando Sadek dos Santos, que conjuntamente com antigos moradores, começaram a discutir amplamente a questão com vários segmentos da população, culminando com a criação da comissão pró-emancipação política do distrito municipal de Jacareacanga. Sob a presidência de Sebastião Lopes Pimenta, a referida comissão estabeleceu uma programação visando prestar esclarecimentos sobre o andamento do processo, no sentido de aprofundar uma reflexão sobre a importância da participação popular, tendo em vista o referendum (plebiscito) e, posteriormente, a escolha da representação política, através de eleições municipais.

Juntamente com a ata de criação da comissão pró-emancipação e um abaixo-assinado com 150 assinaturas de eleitores residentes na área, o Deputado Vilson João Schuber dirigiu representação à Assembleia Legislativa, solicitando pedido de emancipação da vila de Jacareacanga, processando-se em seguida as formalidades legais pela Comissão de Divisão Administrativa, presidida pelo Deputado Nicias Ribeiro, também relator do processo, que ao final, julgou procedente o pleito em questão, na medida em que preenchia os requisitos exigidos pela lei, requerendo que a Assembleia Legislativa autorizasse a realização do plebiscito.

Realizado no dia 28 de abril de 1991, a manifestação dos populares registrou um comparecimento com mais de 70% dos eleitores aptos para votar, sendo favoráveis à emancipação 98% desse total, atendendo o dispositivo constitucional, previsto no artigo 19 da lei complementar estadual nº 001/90, de 18 de janeiro de 1990. Através da Lei Estadual nº 5.591, de 13 de dezembro de 1991, aprovada pela Assembleia Legislativa e sancionada pelo Governador do Estado, ficou criado oficialmente o Município de Jacareacanga. No dia 3 de outubro de 1992, Rauliem de Oliveira Queiroz, foi eleito o primeiro Prefeito do Município de Jacareacanga.

Os indígenas chegam em Jacareacanga, vindos do Estado Pará, fugindo da violência, miséria. Suas aldeias são destruídas por fazendeiros, o ambiente não dá, mas as condições de sobrevivência, a maioria dos rios estão poluídos em consequência da garimpagem, os peixes estavam escassos cada vez mais com as construções das hidrelétricas próximas ou nas áreas reservada para os índios.

Para chegarem a Jacareacanga, descem os principais rios do planalto mato-grossense que quando chegam ao Pará perdem seus nomes e formar o Rio Tapajós. Quando chegam não ficam na Cidade, ainda existem alguns traços culturais, e a relação de harmonia com a natureza é muito forte. Em vista disso, passam a ocupar as do Alto, médio e baixo Tapajós.



Figura 14 – Frente da aldeia Terra Preta. Fonte: Silva (2018)

Atualmente a comunidade indígena Terra Preta possui quarenta e cinco moradores incluindo homens, mulheres e crianças, desses, nove não são indígenas. As casas são construídas pelos moradores, feita com madeiras ou barro, cobertas com telhas, palhas ou plásticos. A única escola é frequentada por 30 alunos da aldeia e ribeirinhos próximo da região. A pequena Aldeia possui uma casa de forno, lá é produzida a farinha puba, todos os indígenas ou não do local podem usar.

A aldeia não tem energia, os indígenas afirmam que há promessas por parte dos governantes, mas até agora não foram cumpridas. Para gerarem um pouco de eletricidade, usam um motor que iluminação do povoado. Aliás muito barulhento e funciona à base de óleo diesel nos horários das sete às dez e meia da noite.

Ao caminhar pela aldeia podemos encontra vestígios de antigos povos que habitaram aquela região, são encontrados a metade de grandes potes feitos com argila que estão desaparecendo com o tempo. De acordo com os depoimentos dos nativos, já estiveram na região pesquisadores que afirmaram para os moradores que aqueles objetos encontrados submersos ao chão, seriam a forma como os antigos habitantes sepultavam seus entes queridos.

Afirma o senhor Edilson de Nazaré Apiaká que o Terra Preta já é reconhecido como aldeamento indígenas pelo estado. Mas nunca viram um documento que comprove essa existência. Segundo o mesmo, os governantes objetivam tirá-los da aldeia para colocá-los em outras da mesma etnia ou não, para facilitar o atendimento.

Apesar da boa intenção dos governantes os nativos afirmam que não vão sair de um lugar que já estão habituados para morar em outro, *" primeiro eles queriam mandar nós para o sai-cinza, ninguém quis ir pra lá, lá tem muito Munduruku e nós não gosta, nós quer morar aqui, nós não se acostuma não já samos mais civilizados".* Os indígenas relatam que seus costumes são diferentes dos Mundurukus, apesar de serem em menor quantidade, tem seus costumes próprios e querem viver com tranquilidade.

Segundo o senhor Edilson de Nazaré Apiaká, já receberam proposta para juntarem-se as antigas famílias do seu povo, mas não aceitam. Primeiro fizeram contato com um chefe de uma aldeia de Apiakás no Mato Grossa, no qual conversando com senhor Edilson Apiaká afirmou "eles perguntaram Dona, se vocês quiserem vim pra morar com agente, podem vir, nós aqui aceitamos quem é da nossa família, as coisas mudaram muito aqui, tá bom agora, não é mais como antes, agora na hora que nós adoece tem avião pra levar agente pra cidade". O senhor Edilson Apiaká diz que os índios da Aldeia Terra Preta têm muito costumes do homem branco, e não conseguem mais ter o mesmo estilo de vida deles.

3.3 DESCRIÇÃO DA PESQUISA: A PSICOLOGIA A CAMINHO DO NOVO SÉCULO: IDENTIDADE PROFISSIONAL E COMPROMISSO SOCIAL

A pesquisa foi realizada a partir de fontes orais: entrevistas, questionários, exploratórias e observatório. Todas as famílias indígenas ou não, foram entrevistadas e questionadas sobre o tema em questão, relatando como chegam, quando e quais os fatores que levaram a saída das terras de origem.

Durante os oitos dias de pesquisa na Aldeia, foram feitas observações do dia-a-dia dos homens, das mulheres e crianças e a divisão de trabalhos entre si. Distinguindo a vida em sociedade, sua religião, economia, língua, costumes dentre outros aspectos culturais. Recebendo todas as respostas necessárias para o êxito da pesquisa.

Para a conclusão do trabalho foram necessárias duas viagens para o pequeno aldeamento, uma no verão e a outra no inverno. A primeira foi de cinco dias, os quais foram observados e entrevistados alguns moradores, e as dificuldades enfrentadas para alimentarem suas famílias. Na segunda foram feitas entrevistas as quais os indígenas relataram suas histórias passadas e como chegaram à aldeia.

Os questionários respondidos serviram para saber um pouco da cultura dos índios Apiakás da Aldeia Terra Preta, os problemas causam as desculturação dos nativos e os trabalhos realizados para manterem seus costumes. Foram tiradas fotos dos entrevistados, dos moradores e o ambiente em questão. Foram executadas perguntas e feitas observações do dia-a-dia dos homens, mulheres e crianças da aldeia.

3.4 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Damião Moraes do Nascimento 61 anos, natural de Jacareacanga, filho de Maria Moraes do Nascimento.

Edilson de Nazaré Apiaká 64 anos, natural de Jacareacanga, filho de Sérgio Nazaré Apiaká e Maria Kanassuri Apiaká.

Elivânia Apiaká 24 anos, 04 filhos, natural de Jacareacanga, filha Maria Enilce Apiaká.

José Maria da Silva Apiaká 36 anos, natural de Jacareacanga, filho de Edilson de Nazaré Apiaká e Maria Júlia da Silva.

Maria Júlia da Silva 59 anos, natural de Jacareacanga, filha de Maria das Dores da Silva.

Merivânia Apiaká do Nascimento 30 anos, natural de Jacareacanga, filha de Damião Moras do Nascimento e Maria Enilce Apiaká.

Raimunda Ternice Apiaká 43 anos, natural de Jacareacanga, filha de Luiz Bahia Apiaká e Maria Júlia da Silva.

Raimundo Oliveira Lourenço 64 anos, natural de Jacareacanga, filho de Euvirio Lourenço e Maria José de Oliveira.

Raimundo Rodrigues da Silva 38 anos, natural de Jacareacanga, filho de Edilson de Nazaré Apiaká e Maria Júlia da Silva.

Ratilce da Silva Apiaká 29 anos, natural de Jacareacanga, filha de Edilson de Nazaré Apiaká e Maria Júlia da Silva.

Sebastião Nazaré Apiaká 52 anos, natural de Jacareacanga, filho de Sérgio Nazaré Apiaká e Ana Sanches Manhuari Munduruku.

Wilson da Silva Apiaká 27 anos, natural de Jacareacanga, filho de Edilson de Nazaré Apiaká e Maria Júlia da Silva.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

4.1 LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA

A Aldeia Terra Preta está situada a margem direita do rio Tapajós a 200 km do Município de Jacareacanga, região é denominada de Alto-Tapajós. Cerca de 60% de sua área encontra-se delimitado por áreas indígenas, através dos grupos Sai Cinza, Mundurucânia, Kayabi e Munduruku. Além do distrito sede, possuem vários núcleos populacionais de expressão: São José, Porto Rico, Sai Cinza, Mamãe Anã, São Martinho, Primavera e Missão Cururu.

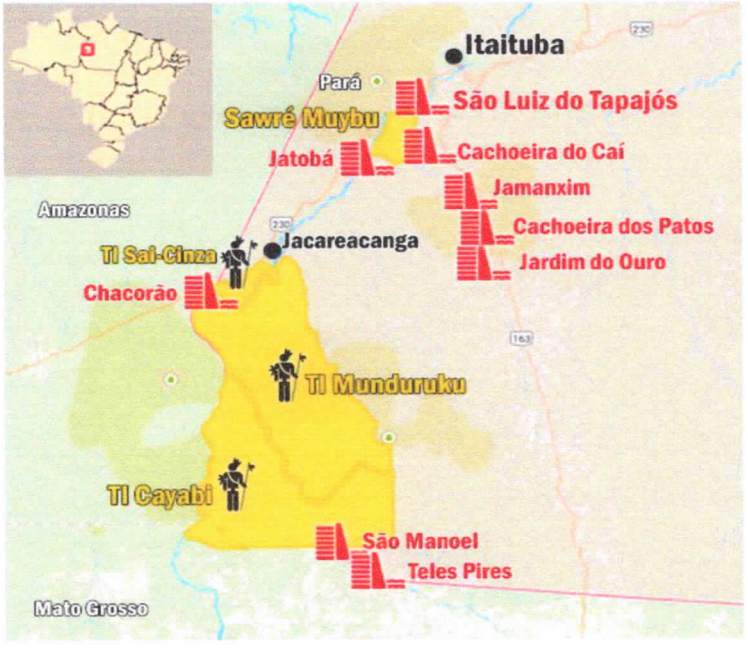


Figura 15 – Mapa da Aldeia Terra Preta-Jacareacanga/PA. Fonte: https://apublica.org/especial-tapajos/.

O Município de Jacareacanga pertence ao Estado do Pará, seus habitantes são chamados de jacareacanguenses. Apesar de a etnia Munduruku ser a mais populosa, há outros grupos pequenos, mas não menos importante vivendo nessa região.

O município estende-se por 53 303 km² e contava com 14 040 cidadãos no último censo segundo o IBGE. A densidade demográfica é de 0,3 habitantes por km² no território do município, com Latitude de: -6.2066 e Longitude de: -57.8245. De acordo com site Cidade Brasil, Jacareacanga é associada à Mesorregião do Sudoeste Do Pará e a Microrregião de Itaituba. Jacareacanga representa um dos vinte e seis estados do Brasil, com áreas de proteção ambiental do Tapajós: Floresta Nacional do Amaná e Crepori.

De acordo com Tavares (1876) as nascentes do Rio Tapajós encontram-se na parte sul do Mato Grosso, encontradas nesta mesma região recebem o nome de rio Arinos e Juruena até chegarem a São Manuel, a partir daí passa a se chamar Tapajós e termina na cidade de Santarém, onde se desagua. O Rio Tapajós recebeu esse nome, devido à existência dos índios Tapajós que viviam na região próximo a sua nascente.

> O Alto-Tapajós tem como formador principal o Arinos, igualmente oriundo do planalto Matogrossense. Só depois de receber o Juruena, também proveniente das terras altas de Mato Grosso, é que o Arinos perde seu nome para receber a denominação de Tapajós. É pelo nome de Alto-Tapajós que se costuma designar o rio depois da enseada que formam, ao se que encontrarem, o Arinos e o Juruena. O nome persiste até à confluência do São Manuel, depois do que passa o rio a chamar-se simplesmente Tapajós até sua foz em Santarém (COUDREAU, 1977, p.57).

As nascentes do rio Tapajós têm suas origens na parte norte do Matogrosso até chegar ao Pará formando o rio Tapajós. Ao longo das margens do rio são habitadas por vários grupos nativos. Devido os problemas ambientais na região de Telles Pires, os indígenas descem o rio em busca de um lugar adequado para viverem em harmonia com a natureza e com tranquilidade.

Para chegar até a aldeia Terra Preta existem duas vias favoráveis terrestre e fluvial. A primeira para quem sai de Jacareacanga descendo o rio tapajós de voadeira ou rabetão entorno de três ou quatro horas de viagem. A segunda é de automóveis pela transamazônica até a Rabelo e mais uma hora e meia de rabeta (canoa com motor de polpa) até o aldeamento. Para quem vai de Itaituba no sentido transamazônica entra em um ramal no quilômetro 204 do lado esquerdo da rodovia, continuando por mais onze quilômetros dentro do ramal até chegar à comunidade do Penedo (região garimpeira), mais uma hora e meia de voadeira chega à aldeia dos Apiakás.

4.2 ORIGEM HISTÓRICA DA ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA

A aldeia Terra Preta teve início em 1974, com a chagada da família do senhor Edilson de Nazaré Apiaká na região de Jacareacanga. Nascido na aldeia Marumbi em Teles Pires no Estado do Mato Grosso, ainda muito jovem com a esposa e dois filhos pequenos decidem vir para o Estado do Pará.



Figura 16 – Edilson Nazaré Apiaká, fundador da Aldeia Terra Preta. Fonte: Silva (2018).

A família do senhor Edilson Apiaká não era a única que deixava sua região de origem para conquistar uma vida digna, muitos indígenas já haviam deixado sua terra de origem, rumo ao Pará, fugindo dos ataques constantes nas aldeias. Ele declara que não tinha com sobreviver em meio a tanta violência, sem direitos nas terras para plantar, com a contaminação dos rios, o peixe ficava cada vez mais escarço na região.

Segundo o Senhor Edilson Apiaká, quando chegaram à região *não "nos padecemo muito, nós comia banana com farinha, durmia numa barraca feita de plástico e palha na beira do rio, dava vento forte, foi difícil, mas nós conseguimos, hoje é bom demais, não foi fácil não Dona"*. De acordo com os relatos do senhor Edilson Apiaká, no início de sua habitação foi muito difícil sua moradia, não tinham um lugar adequado para dormirem, só tinham banana com farinha para saciarem a fome.

Mas apesar das dificuldades não pensava em desistir, diferente de onde moravam, a paz reinava no seu coração. Seu obtivo seria criar seus filhos longe da violência, aquela vida que levavam atrás era passado e tinha a certeza que dias melhores viriam.

Logo após sua chegada, foi trabalhar nos seringais, durante os sete anos passou nos seringais, o que ganhava era para o sustento da família. Enquanto ele trabalhava na extração do látex. Quando a extração do látex caiu em declínio, o senhor Edilson fica sem uma fonte de renda e decide trabalhar como garimpeiro.

Nos seringais conhece senhor Raimundo Oliveira Lourenço hoje com sessenta dois anos de idade, e o senhor Damião Moras do Nascimento hoje com sessenta e um ano de vida. Apesar das diferenças culturais, se adaptaram bem aos nativos, até hoje vivem com os índios Apiakás.

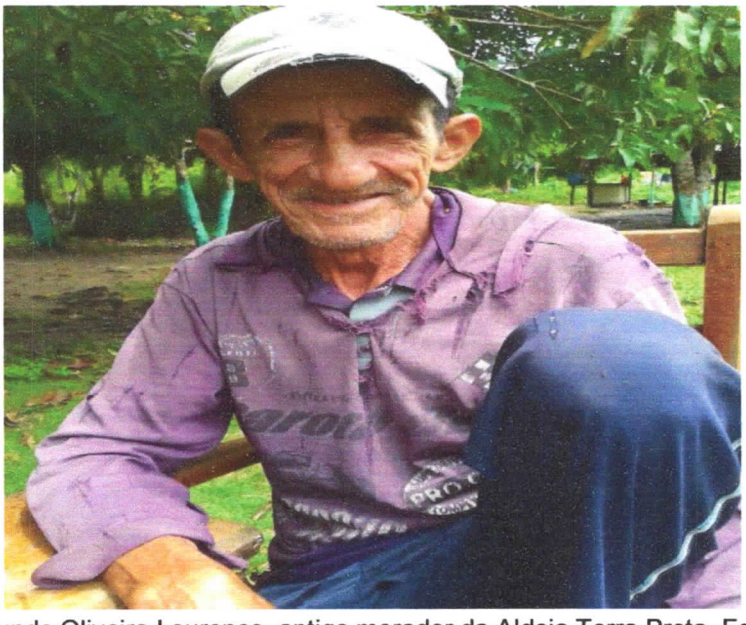


Figura 17 – Raimundo Oliveira Lourenço, antigo morador da Aldeia Terra Preta. Fonte: Silva (2018).

O senhor Raimundo Oliveira Lourenço nasceu no Nordeste, chegou na região do Alto Tapajós aos dezesseis anos junto acompanhado com seu pai Euvirio Lourenço para trabalhar nos seringais, nos seringais adoeceu rapidamente e veio a falecer. Órfão de pai e mãe, senhor Raimundo foi convidado pelo senhor Edilson Apiaká para morar na comunidade.

Com os laços adquiridos de companheiros de trabalho, senhor Raimundo Lourenço passa a fazer parte da família. Casa-se com uma ribeirinha, dessa união tiveram cinco filhos, os dois mais velhos trabalham como garimpeiros e passam meses longe da família, apenas os três mais novos vivem com ele e a esposa na aldeia.

O senhor Raimundo de acordo com seus relatos, apesar de não ser índio, mas se considera parte desse nativos. " *Faz muito tempo que moro aqui junto com os índios*

Apiakás, o Edilson me considera como da família, eu nunca vou sair daqui, porque gosto desse lugar, já tou com esses anos todo". O senhor Raimundo Lourenço já se habituou com os Apiakás, e não pensa em deixar esse aldeia por nada.

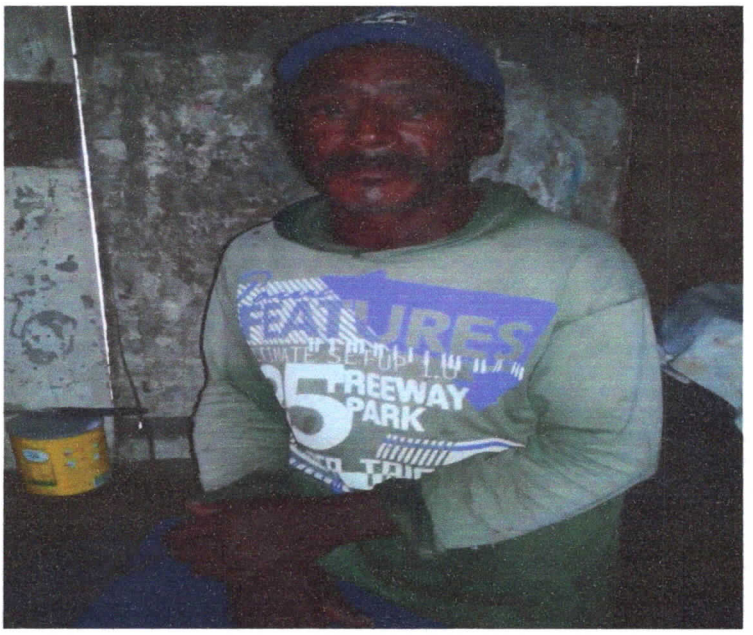


Figura 18 – Damião Moras do Nascimento, antigo morador da Aldeia Terra Preta
Fonte: Silva (2018).

O senhor Damião do nascimento casou-se com uma irmã por parte de pai do senhor Edilson Apiaká, a qual tiveram filhos, mas faleceu aos cinquenta anos de idade. Mora sozinho em uma casinha de madeira divindade em dois repartimentos coberta de palha na aldeia. Alguns dos seus filhos casaram-se com os filhos do senhor Edilson Apiaká, outros casaram com não índios, assim, o número de indígenas aumentou. Mas necessidade dos filhos ter um estudo melhor foram morar nas cidades mais próximas.

Para conseguir sustentar a família sem sair da aldeia, junto com a esposa e os filhos mais velhos na companhia de dois amigos ex-seringueiros, senhor Edilson Apiaká decide trabalhar na roça plantando mandioca para produção de farinha para venda. Além da farinha puba, venderam peixes, frutas tiradas da natureza dentre outas alimentações que a natureza oferece. Como não eram muito conhecidos na região, saiam em canoas nos garimpos mais próximos trocando ou vendendo seus produtos.

A aldeia Terra Preta só foi reconhecida como aldeamento de indígenas, após a emancipação de Jacareacanga do Município de Itaituba em 1995. Com o

desmembramento de Jacareacanga do Município "mãe" a comunidade passa a pertencer ao novo Município e é contemplada com criação de uma sede escolar.

Depois do reconhecimento segundo os moradores, muitas coisas mudaram, as famílias foram cadastradas nos programas sociais. Mas ainda falta muito para chegarem no que anseiam. Esses problemas sociais básicos na aldeia geram uma grande evasão dos jovens Apiakás que deixarem suas origens para viverem com outras raças, perdendo seus costumes de origem.

4.3 CULTURA INDÍGENA: OS APIAKÁS, UMA IDENTIDADE QUASE PERDIDA NO ALTO TAPAJÓS ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA

De acordo com Wenzel (1999), Antes do extrativismo na Amazônia os Apiakás eram um povo numeroso e guerreiro na bacia do Tapajós. Os excessivos confrontos com seringueiros no início do século XIX, reduziram mais da metade de sua população, após o século XX os fatores que mais contribuíram para o processo de desculturação, foram a miscigenação com outras etnias e a introdução dos costumes dos não - índio para complementação das suas.



Figura 19 – Senhor Edilson de Nazaré Apiaká e quatro netos. Fonte: Silva (2018).

A língua de origem quase não é falada na aldeia, usam o português, apenas o senhor Edilson Apiaká de 64 anos lembra-se de poucas palavras, as quais aprendeu

com seu pai. Entretanto, ele não influenciou os seus filhos a terem o conhecimento da língua de origem, e tão pouco a sua esposa que não é indígena.

A única frase que os indígenas conseguem falar da sua língua origem na aldeia é cabiá, que em português significa Bom Dia! Pelos simples costumes de toda manhã, após tomar um simples café preto, o senhor Edilson Apiaká visita as casas dos filhos dando bom dia em Tupy Guarani. Esse ato contribui para recordar um pouco do foi sua cultura e a língua usada pelos seus antepassados.

Praticam a agricultura de subsistência, o mais velho da Aldeia escolhe alguns metros quadrado nas proximidades da Aldeia, a área servirá para todos os moradores usarem. Cada pessoa zelará da parte que lhe couber. Com foice, facão e enxada, é preparada a terra para plantio de: mandioca, milho, inhame, abóbora, feijão.



Figura 20 – Indígena na roça fazendo a colheita de mandioca para a produção da farinha puba.
Fonte: Silva (2018).

Para a produção da farinha puba é feita pelos indígenas, durante amanhã com a ajuda da família levam uma boa quantidade de mandioca para a beira do rio, lavam e depositam em um cercado coberto de água, permanecendo por volta de vinte dias. Depois de vários dias de molho a mandioca amolece e começa a fermentar, sinais de que está na hora de tirar a massa para a produção da farinha.

Em um saco de tecido são colocadas porções da massa e exprimidas até que saia todo o líquido e levado para a casa de forno, no qual é colocada em um fogão a

lenha com uma enorme bacia. Essa produção é feita uma vez por mês pelas famílias nativos, desta maneira, nunca falta uns dois principais alimentos da aldeia.

Uma parte do que produzem é para o sustento das famílias e a outra é para à venda, os mais vendidos são os peixes, caça, farinha, açaí, buriti, tartarugas, ovos de tartarugas, castanha do Pará, milho, pequi. Essas mercadorias, além de servirem como alimentos próprios também são usados para comércio ou escambo. Ato que aproximou os nativos dos portugueses, permanecem na Aldeia, a prática do garimpo em terra firme e as margens do Rio Tapajós próximo ao povoado, serve para que os nativos possam exportar seus produtos. A prática é realizada entre os indígenas e os donos de garimpos, essas trocas são feitas por alimentos que industrializados.



Figura 21 – Criança Apiaká, Aldeia Terra Preta Fonte: Silva (2018).

Na culinária seus pratos quase não mudam os temperos não são apreciados pelos nativos. O alimento mais consumido é o peixe, quando cozido é temperado com água, sal, urucum ou algumas palhas de cebola se tiver. Quando assado é temperado com sal e jogado ao fogo de lenha, se frito levemente salgado e levado a frigideira com óleo soja.

Costumam atribuir seus pratos com animais selvagens como a carne da anta, do veado mateiro, tracajá, ovos de tracajá, porco da mata, mutum, jabuti, paca, tatu, jacaré, jaú, arraia entre outras espécies variadas encontradas na natureza. Tem o

hábito de misturar algumas caças ao leite da castanha do Pará, esse leite é tirado pelas índias, muito usados nos bolos de mandioca e mingaus.

As frutas mais consumidas é a silvestre, que em cada estação do ano aparecem dos mais variados tipos como: tucumã, uxi, buriti, pequi, açaí, bacaba entre outras, mas há espécies cultivadas como: o coco, a manga, a graviola, laranja, limão, abacate, não costumam escolher o que comer, o que servir eles comem.

As mulheres acordam no mesmo horário que seus maridos para fazer uma merenda para que eles não saiam de estômago vazio e possam ficar a amanhã toda no rio pescando. As crianças que estudam pela manhã levantam o mesmo horário para tomar banho no rio, para irem à escola, as que estudam a tarde ajudam as mães nos serviços domésticos.



Figura 22 – índias Apiakás nas margens do rio Tapajó nos afazeres domésticos, Aldeia Terra Preta.
Fonte: Silva (2018).

Enquanto seus esposos estão fora de casa, as mulheres da aldeia cuidam da casa, dos filhos e das pequenas hortas espalhadas ao redor de suas moradias. Bem cedo as mulheres varrem suas casas e cada família é responsável pela limpeza e coleta de lixo das suas residências, lavam as louças e roupas quase sempre em grupos.

Quando os maridos chegam as mulheres são responsáveis para fazer a limpeza dos alimentos e cozinhá-los. As mulheres ajudam os homens na produção da farinha, tiram o suco do açaí, buriti e da bacaba, descascam pequi, tiram o leite da

castanha e muitos outros alimentos que são retirados da natureza. De acordo com relatos das indígenas, os maridos trazem os alimentos para a aldeia e as e as mulheres tem a obrigação de cuidar das iguarias para a alimentação de todos.

As crianças passam a maioria do seu tempo brincando, muitas ajudam o pai e a mãe ou estão sempre próximo para aprender. A diversão que gostam, segundo relatos das crianças da Aldeia é no rio Tapajós, tomando banho, pescando, passeando de canoa, da pira, permanecem em dupla ou grupos.



Figura 23 – Crianças Apiakás brincando, Aldeia Terra Preta. Fonte: Silva (2018).

De acordo com os moradores não existem práticas de incentivo cultural na aldeia, nem por parte dos governantes e tão pouco pelos moradores. Mas afirmam que se esses projetos fossem trabalhos na comunidade seriam muito bons, os mais velhos almejam que um dia seus descendentes vivenciem isso. O patriarca da família Apiaká da aldeia Terra Preta diz que os objetivos só seriam alcançados se "alguém da nossa família fosse mais intendido, pra ir lá, lutar pelos direitos nossos, mas não tem não Dona, nem querem viver aqui, quando pegam o gosto da cidade não voltam não, é o meu sonho, ver minha família toda aqui vivendo como nosso povo era".

Apesar da grande evasão na aldeia o número de índios Apiakás aumentou nos últimos anos, segundo o senhor Edilson Apiaká em 1995 sua família era de 18 pessoas, atualmente já passam dos 48, sendo todos filhos, netos e bisnetos do senhor Edilson de Nazaré Apiaká.

O povo Apiaká é acolhedor e humanitário, não medem esforço para ajudar o outro, independentemente de ser ou não índio. Fartos na alimentação sempre a

procurar do que comer. Todos os entrevistados afirmaram gostar da maneira como vivem, não almejam viver nas cidades, mas precisam de mais políticas públicas para melhorar a vida dos aldeados. A maior preocupação dos nativos é com o rio uma das principais fontes de sobrevivência dos índios, usam a água para tomar banho, lavar, cozinhar e beber, mas com a exploração de ouro nas margens do rio a água fica imprópria para o consumo. Sem água "limpa" os nativos têm que recorrer aos arrotos (foz dos pequenos igarapés) para consumirem água descontaminadas.

4.4 ASPECTOS POLÍTICOS, ECONÔMICOS E CULTURAIS DA ALDEIA TERRA PRETA JACAREACANGA/PA

As políticas públicas desenvolvidas na aldeia são educação e saúde. O corpo educacional na comunidade tem como membros duas professoras de ensino Fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos), três de serviços gerais. A Prefeitura de Jacareacanga dar todos os suportes necessários para o desenvolvimento educacional nas séries iniciais do Ensino Fundamental.



Figura 24 – Reforma da Escola Maria Júlia, aldeia Terra preta. Fonte: Silva (2018).

Atualmente a Escola está passando por uma reforma, para melhorar os trabalhos da direção e dar comodidade aos alunos. A escola possui duas salas de aulas amplas, uma sala para os professores, uma sala da direção, dois banheiros, refeitório e pátio. Além dos moradores, a escola recebe alunos das proximidades seja

indígena ou ribeirinho, que são recolhidas pelo seu José Sebastião Apiaká, responsável por deixar e buscar os alunos em suas localidades todos os dias letivos.

A implantação de uma escola na aldeia foi a realização de um dos objetivos dos moradores que almejavam há anos. Com a escola ativa, os pais dos alunos afirmam que, as crianças permanecem mais tempo na aldeia. Antes tinham duas opções de deslocar-se para outra comunidade para estudar ou não fazer esse trajeto todos os dias e não aprender a assinar pelo menos seu nome.



Figura 25 – Família Apiaká, aldeia Terra Preta. Fonte: Silva (2018).

A aldeia no momento está esperando pela instalação de um posto de saúde, segundo os moradores já tem promessas que será construído uma unidade de saúde nessa comunidade. Todavia, todos os indígenas recebem assistências médica em Jacareacanga que para se chegar até a unidade é quase a metade de um dia de viagem nas águas do rio Tapajós, pega sol ou chuva. Apesar da prefeitura de Jacareacanga deixar disponíveis a gasolina para os moradores atenderem as emergências, a demora em chegar até a unidade do Município é bastante sofrida para o doente que precisa de uma emergência.

A única fonte de renda mensal das mulheres é do Programa Bolsa Família e salário maternidade. Entretanto as moradoras relataram que este ano vão ter outro tipo de renda, que será no abastecimento de verduras e legumes para a merenda escolar, pois já foi anunciado na comunidade que uma parte dos alimentos para os alunos sairá da própria aldeia, com isso, as moradoras estão preparando a terra para o plantio dos legumes.

O dia-a-dia dos homens começa muito cedo, ainda no escuro pegam uma canoa para o olhar as armadilhas deixadas no início da noite para capturarem peixes. Quando se consegue um número bom de alimento, os indígenas ficam muito felizes, porque não vai faltar comida na aldeia e são divididos para as famílias. Além da pesca têm a prática da caça, esse ato dar-se o nome de espera, os homens saem a partir das dez da noite e ficam até a madrugada escondidos na floresta para matarem animais para a alimentação da aldeia.

A economia da comunidade indígena Terra Preta gira em torno do escambo, venda de peixes e farinha puba. Esses alimentos são para o consumo nos nativos, assim como, para serem trocados por outros produtos ou vendidos de acordo com a necessidade dos mesmos.



Figura 26 – Indígenas armazenando peixes para a venda. Fonte: Silva (2018).

Quase todos os homens são cadastrados como pescadores os que não são estão com o processo em andamento. Os pais de famílias fazem equipes de pescadores para conseguirem durante a semana o maior número de peixes para à venda. Dentre estes, são escolhidos os de melhor qualidade para exportação.

O alvo das vendas são os dragueiros (donos de balsas que trabalham com a exploração de ouro), os indígenas da aldeia usam uma espécie de canoa com motor para vender suas mercadorias nas dragas. Os donos das dragas também fazem encomendas de sacos de farinhas outra fonte de renda muito boa para comunidade. Além desses produtos existem muitos outros que são vendidos como fonte de renda.

5 CONCLUSÃO

Os povos indígenas do Brasil aos poucos estão desaparecendo, e com eles suas culturas deixam de existir. Conhecer um pouco mais sobre seus costumes será de grande importância para as atuais e futuras gerações. Entender melhor como os nativos vivem em sociedade, os problemas enfrentados para continuarem nos seus locais de origem com seus hábitos e costumes próprios.

Os grupos indígenas Apiakás, assim como, outros grupos que foram extintos do Brasil, não conseguirão resistir ao longo e árduo processo de colonização do Brasil. Através de Projetos que incentivem à cultura dos índios Apiakás da Aldeia Terra preta, contribuirá para o desenvolvimento de sua cultura e a procrastinação do seu povo.

Com o desenvolvimento do trabalho, foi possível conhecer os problemas iniciais que ocasionaram a extinção da cultura de origem dos povos indígenas do Brasil, as raízes históricas das comunidades indígenas do Pará e a da Amazônia, os aspectos socioculturais e as políticas indígenas desenvolvidas na região, revelando a origem histórica, os aspectos políticos, econômicos e culturais da Aldeia Terra Preta.

Com a pesquisa bibliográfica e de campo, foram obtidas as respostas necessárias para os problemas questionados. Através da pesquisa bibliográfica foi possível conhecer a vida dos nativos, desde o início da colonização até os dias de hoje. A campo foram respondidos pelos moradores questionários, entrevistas, observações do cotidiano dos índios Apiakás da Aldeia Terra Preta em Jacareacanga e os problema enfrentados para a permanência se seu povo e de sua cultura.

Com os questionários e entrevistas feitos com os índios, foi possível demostrar a quantidade de moradores que vivem na aldeia, as diferenças culturais dos nativos com os demais grupos indígenas existentes na região, os problemas enfrentados para resguardar e manter a cultura de origem, as políticas públicas desenvolvidas no pequeno aldeamento, as práticas culturais que ainda usam na comunidade e a economia.

Será de grande utilidade para compreensão de assuntos relacionados à cultura dos indígenas Apiaká, conhecendo mais sobre a cultura dos Apiaká da Aldeia Terra Preta. Demonstrar para as pessoas que não sabem da existência desse pequeno grupo, quando para os indígenas entenderem melhor a importância de sua permanência. Esta monografia levará ao público um assunto importante para ser

questionado nos dias atuais, averiguando os fatores que ocasionam o fim e substituição da cultura dos aborígenes pela cultura do homem branco.

Contribuindo para o reconhecimento dos moradores e a valorização no desenvolvimento de sua cultura, visando projetos de incentivos culturais, para manterem viva suas tradições. Para os primitivos é um sonho realizado, o reconhecimento e respeito pelo seu povo, esperança que almejam há anos. Mesmo com uma parte de seus costumes degradados, sendo possível um resgate cultural.

Levando aos leitores um trabalho pouco ou não conhecido na região, sendo um grande privilégio o desenvolvimento do assunto. Mostrar a Importância dos hábitos e costumes de grupo indígena, não é fácil, mais quando há um sentimento bom, todos os obstáculos são vencidos. Pois a cultura dos ameríndios teve uma participação significativa na construção cultural do povo brasileiro, e a permanência de seu povo e o respeito à cultura será uma forma de gratidão por sua participação na criação do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo,** Revista História Hoje, v. 1, no 2, p. 21-39 – 2012. Disponível em: <https://www.google.com.br/=CELESTINO+DE+ALMEIDA%2C+Maria+Regina>. Acesso em 12 ago. 2017.

ANDRADA E SILVA, José Bonifácio de. **Apontamentos para a civilização dos índios bárbaros do reino do Brasil, 1821.** BNA Biblioteca Mário de Andrade. Seção de Obras Raras e Especiais. Disponível em: <http://www.obrabonifacio.com.br/colecao/obra/1101/digitalizacao/pagina/1/original.html>. Acesso em 27 jul. 2017.

AMORIM, Antônia Terezinha dos Santos. **Santarém uma síntese histórica.** Editora da ULBRA,2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaios Sobre o Conceito de Cultura**. Rio de Janeiro Zahar, – 2012.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – formação Social e Cultural.** Manaus: Valer/Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

BITAR, Eliana Freire. **Amazônia – um relato de sua (des) construção Sociocultural.** Centro Científico Conhecer - Goiânia, 2010. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2010c/amazonia>. Acesso em: 11 ago. 2017.

BRASIL, Cidades do. Jacareacanga Pará. Disponível em: < https://cidadesdomeubrasil.com.br/pa/jacareacanga>. Acesso em: 30 fev. 2018.

BRASIL, Constituição da República Federativa do: **texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011**. 35. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BRASIL. **Índios do Brasil 1** / Secretaria de Educação a Distância, Secretaria de Educação Fundamental. reimpr. Brasília MEC, SEED SEF, 2001.

CALDEIRA, Jorge. **José Bonifácio de Andrada e Silva.** Editora 34 Ltda. São Paulo Brasil, 2002.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha a EL-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.

CARROL, James. **Jerusalém: como a história da antiga cidade sagrada para três grandes religiões deu início ao mundo moderno**. São Paulo: Cultrix, 2013.

COUDREAU, Henri. **Viagem ao Tapajós**. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: História, direitos e cidadania**. Editora Companhia das Letras, 2013.

FERNANDES, Maria Júlia. **Indígenas + Brasileiro: Brasil de biodiversidades, sociais, culturais, pluriétnico + legítimo** – Curitiba: Artes & Textos, 2013.
FILHO, João Meireles. **O livro de ouro da Amazônia**. 5. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

FOGUEL, Israel. **Colônia, Império e República** - 1954. São Paulo: Clube de Autores, 2016.

FONTE, Edilza Joana Oliveira, **Contando a História do Pará: da conquista a sociedade da borracha (século XVI-XIX)**. Belém: E.Motion, 2002.

FRANÇOIS, Châtelet. **Uma história da razão: Entrevistas com Émile Noel**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar Editora, 1994.

FREITAS, Ernani Cesar de. **Diálogos interdisciplinares:** Cultura, Comunicação e Diversidade no contexto Contemporâneo – Novo Hamburgo: Feevale, 2016.

FUNAI. **Proteção e Promoção dos diretos dos povos Indígenas**. Fundação Nacional do Índio – Funai. – Meireles – Sobreloja Brasília/DF – 2016. Disponível em: http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/politica-indigenista?start=15#>. Acesso em: 11 set. 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Histórico Jacareacanga Pará – PA**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?codmun=150375>. Acesso em: 19 ago. 2017.

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. **Pesquisa qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos.** Contrapontos. Vol. 3. n. 3. Itajaí, set/dez. 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, Francisco. **Monte Alegre & Estórias (In)verídicas**. Belém: 2005.

HOLANDA, Eduardo. **Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio.** Brasília: Cimi – Conselho Indigenista Missionário, 2012.

HUTTNER, Édson. **A igreja católica e os povos indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia**. Porto Alegre: EDIPURS. 2007.

KODAMA, Kaori. **Os índios no Império do Brasil: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860.** Editora Fiocruz, 2009.

KOSSOY, Boris. Hercule Florence. **A descoberta isolada da fotografia no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 1. São Paulo: Atlas 2003.

LEONEL, Mauro. **Etnodicéia. Uruéu-Au-Au: O Endocolonialismo e os índios no Centro de Rondônia, o direito à diferença e a preservação Ambiental**. Editora Universidade de São Paulo. Instituto de Antropologia e Meio Ambiente/Fapesp, 1995.

LIMA, Antônio Carlos de Sousa. **A Educação Superior de Indígenas no Brasil contemporâneo: reflexões sobre as ações do Projeto Trilhas de Conhecimentos Revista História Hoje,** v. 1, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/231475741/Revista-Historia-Hoje-Historia-Indigena>. Acesso em: 19 ago. 2017.

MATTOS, Hebe Maria. **Escravidão e cidadania no Brasil monárquico.** Editor Jorge Zahar. 2. ed. Rio de Janeiro, 1999.

MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo Sociologia: a Paixão de Conhecer a Vida.** EDIÇÕES LOYOLO, 9 ed, São Paulo, Brasil, 2005.

MELATTI, Júlio Cezar. **Índios do Brasil.** Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

METEZ, Cristian Leandro. **Manifestações Culturais** (recursos eletônicos): **/Objetos e Perspectivas distintas**. Universidade novo Hamburgo: Feevale,2015. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=oXAjAAAQBAJ&pg=PA164&lpg=PA1644&dqmanifesta%C3%A7%C3%B5es+culturais:+objetos+e+perspectivas+distintas+pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MISSIONÁRIO, Conselho Indigenista. **Os povos indígenas e a Nova República**. São Paulo: Paulinas: Paulinas, 1986.

MISSIONÁRIO, Conselho Indigenista. **Os povos indígenas e a Nova República/** documento do Conselho Indigenista Missionário, órgão anexo à CNBB. São Paulo: Paulinas, 1986.

MORAIS, Vinícius de. **Eles formaram o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

MOREAU, Felipe Eduardo. **Os índios nas cartas de Nóbrega e Anchieta**. São Paulo: Annablume, 2003.

OLIVEIRA, José Aldair de. **Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

PARDO, João Fernando Almeida. **As bandeiras**. Editora: IBRASA, 1987.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil.** Companhia das Letras, São Paulo. Segunda edição.1995.

SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez 2017.

SOUZA, Ricardo Tim de. **As fontes do humanismo latino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TAVARES, R. F. **O Rio Tapajós.** Primeiro tenente reformado da Armada Nacional e Imperial. Pará. Rio de Janeiro, TYPOGRAPHIA NACIONAL,1876.

VIEIRA, Regina. **O jornal Porantim e o indígena**. Editora Annablume, 2000.

YIN, ROBERT K. **Pesquisa Qualitativa do Início ao Fim**. Porto Alegre: Penso Editora, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A (1ª parte) – Questionário a ser respondido pelos moradores da aldeia Terra Preta - Jacareacanga/PA.

QUESTIONÁRIO

Identificação do entrevistado
Nome: _____
Idade: _____
Natural de: _____

1) Há quantos anos você mora na comunidade Terra Preta? Quantos moradores residem atualmente nessa comunidade e de quais etnias?

_____

_____

2) De que maneira os indígenas da etnia dos Apiakás, se distinguem das demais comunidades indígenas da região do Jacareacanga?

_____

_____

3) a Para você quais são os principais problemas encontrados pelos indígenas da aldeia de Terra Preta, para resguardar e preservar sua cultura de origem ?

_____

_____

4) De que forma o governo a nível municipal e estadual e federal atuam com algumas políticas púbicas na comunidade Terra Preta?

_____

_____

5) Qual é a economia predominante na comunidade? Ainda praticam a economia de subsistência?

_____

_____

6) Apesar das poucas famílias de Apiakás que ainda moram na comunidade, são praticadas algumas das culturas de origem? Quais?

_____

_____

7) Quais os principais fatores que contribuem para o processo de desculturação dos moradores?

_____

_____

APÊNDICE A (2ª parte) - Questionário a ser respondido pelos moradores da aldeia Terra Preta - Jacareacanga/PA.

9) Quais as ações praticadas pelos moradores para que não haja a perca total dos costumes?

_____

_____

10) Você gostaria que houvesse projetos de incentivos culturais na aldeia para resgatar os costumes tradicionais? Dê exemplos?

_____

_____

ANEXOS

ANEXO A – Termo de Consetimento Livre assinado por Raimundo Oliveira Lourenço.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Raimundo Oliveira Lourenço, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva.
Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO B – Termo de Consetimento Livre assinado por Raimundo Rodriguês da Silva.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Raimundo Rodrigues da Silva, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO C – Termo de Consetimento Livre assinado por Sebastião Nazaré Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Sebastião Nazaré Apiaká., declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO D – Termo de Consetimento Livre assinado por Ratilce da Silva Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Ratilce da Silva Apiaká, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO E – Termo de Consetimento Livre assinado por Raimunda Ternice Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Raimunda Ternice Apiaká, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva.

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO F – Termo de Consetimento Livre assinado por Damião Moras do Nascimento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Damião Moras do Nascimento., declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva.
Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de fevereiro de 2018.

ANEXO G – Termo de Consetimento Livre assinado por Edilson de Nazaré Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Edilson de Nazaré Apiaká., declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO H – Termo de Consetimento Livre assinado por Elivânia Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Elivânia Apiaká, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Elivania Apiaka

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de 02 de 2018.

ANEXO I – Termo de Consetimento Livre assinado por José Maria da Silva Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, José Maria da Silva Apiaká, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO J – Termo de Consetimento Livre assinado por Maria Jília da Silva.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Maria Júlia da Silva, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO K – Termo de Consetimento Livre assinado por Merivânia Apiaká do Nascimento.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Merivânia Apiaká do Nascimento, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.

ANEXO L – Termo de Consetimento Livre assinado por Wilson da Silva Apiaká.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Eu Rosenilce Santana Silva, convido você a participar da pesquisa de graduação em História que tem por objetivo analisar, identificar e revelar a História e Cultura dos povos indígenas Apiakás da aldeia Terra Preta – Jacareacanga/PA, para tanto serão realizadas aplicação de entrevistas gravadas mediante perguntas pré-selecionadas em questionário.

As informações que os resultados desta pesquisa trouxerem, servirão como informação documental, assim como, seus nomes na conclusão do trabalho.

Eu, Wilson da Silva Apiaká, declaro para os devidos fins que fui informado sobre os objetivos e os procedimentos da pesquisa e autorizo o uso dos dados disponibilizados através de questionário, entrevista gravada, podendo ser utilizada minha imagem e tudo que eu falar em seu trabalho de Conclusão de Curso.

Wilson da Silva Apiaká

Assinatura do entrevistado (a)

Rosenilce Santana da Silva.

Assinatura do pesquisador (a)

Itaituba-PA, 22 de Fevereiro de 2018.